



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

**RESIGNIFICANDO O CONCEITO DE AGITAÇÃO
EM SALA DE AULA:**

Um estudo transversal com professores de Educação Infantil
e anos iniciais do Ensino Fundamental

ANDRESSA BRITO

**BRASÍLIA – DF
JUNHO DE 2015**

ANDRESSA BRITO

**RESIGNIFICANDO O CONCEITO DE AGITAÇÃO
EM SALA DE AULA:**

Um estudo transversal com professores de Educação Infantil
e anos iniciais do Ensino Fundamental

Trabalho de Final de Curso apresentado ao curso
de Pedagogia, Faculdade de Educação,
Universidade de Brasília, para obtenção do título
de Licenciado em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Sandra Ferraz de Castillo
Dourado Freire.

**BRASÍLIA – DF
JUNHO DE 2015**

ANDRESSA BRITO

**RESIGNIFICANDO O CONCEITO DE AGITAÇÃO
EM SALA DE AULA:**

Um estudo transversal com professores de Educação Infantil
e anos iniciais do Ensino Fundamental

Trabalho de Final de Curso apresentado ao curso de Pedagogia, Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Sandra Ferraz de Castillo Dourado Freire.

Comissão Examinadora:

Professora Doutora Sandra Ferraz de Castillo Dourado Freire (Orientadora)
Faculdade de Educação/Universidade de Brasília

Professora Doutora Amparo (Examinadora)
Faculdade de Educação/Universidade de Brasília

Professora Doutora Claudia Guilmar Linhares Sanz (Examinadora)
Faculdade de Educação/Universidade de Brasília

Professora Doutora Silmara Dornelas Munhoz (Examinadora)
Faculdade de Educação/Universidade de Brasília

Brasília, 26 de junho de 2015.

Dedico este trabalho a minha família, especialmente a minha avó e meu pai que sempre lutarem pela minha educação.

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus, por me dar forças diariamente para conseguir realizar este trabalho e guiar sempre meu caminho.

À minha orientadora Sandra Ferraz por me acolher em seu projeto de estudos, por toda a dedicação que teve em me orientar, pelas horas disponibilizadas, por acreditar em mim e no meu tema.

As minhas amigas, Jéssica Alves, Marília Nascimento, Rafaela Nunes e Laryssa Maciel por todas as aprendizagens que tivemos juntas, pelos trabalhos realizados, e pelo auxílio de cada semestre vivido, vocês fizeram a diferença nesses quatro anos.

A Jéssica Pereira por compartilhar comigo de todas as emoções que foi realizar e concluir este trabalho, pelas alegrias, ansiedade e a orientadora “compartilhada”.

A minha família, que mesmo não entendendo minhas faltas em casa e meu cansaço diário por causa dos estudos, sempre me apoiou em todas as minhas escolhas.

As professoras que participaram desse estudo, obrigado pela disponibilidade e pela ajuda.

As professoras que aceitaram participar da banca e contribuir para o estudo.

A todos da minha equipe jovem, por entenderem minha falta e meu silêncio durante esses meses, e pela preocupação comigo.

Por fim agradeço a todos que mesmo não citando aqui me ouviram falar durante quatro meses sobre minha monografia, sobre meus medos e anseios, por se preocuparem com o meu bem estar e acreditarem no meu trabalho.

“Para tudo há um tempo, para cada coisa um momento.”

Ec 3:1

SUMÁRIO

RESUMO	viii
ABSTRACT	ix
LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS	x
LISTA DE GRÁFICOS	xi
LISTA DE QUADROS	xii
APRESENTAÇÃO	xiii
PARTE 1	14
MEMORIAL EDUCATIVO	15
Lembranças de uma vida	15
PARTE 2	20
CAPÍTULO 1 – RESIGNIFICANDO CONCEITOS	24
1.1 Aprendizagem e desenvolvimento: a perspectiva sociogenética de Henri Wallon e Lev S. Vygotsky	24
1.2 Processos de socialização e relações na sala de aula	30
1.3 Trajetória histórica dos estudos de comportamentos “inquietos”	32
1.4 Os limites tênues entre fenômenos diferentes no discurso escolar: agitação versus indisciplina versus Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade	35
1.4.1 Agitação	35
1.4.2 Indisciplina	37
1.4.3 Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade	39
1.5 Dificuldades de aprendizagem	42
CAPÍTULO 2 – METODOLOGIA	45
2.1 Objetivos	45
2.1.1 Objetivo geral	45
2.1.2 Objetivos específicos	45
2.2 Contexto da pesquisa	46
2.3 Sujeitos participantes	47
2.4 Procedimentos e instrumentos	50
2.5 Procedimentos de análise	52
CAPÍTULO 3 – RESULTADOS: O QUE APRENDER DE NOVO	54

3.1 Momento I : conhecendo as professoras, suas opiniões e seu trabalho	54
3.1.1 Principais características da aprendizagem do(a) aluno(a) do ano em que você está atuando	55
3.1.2 Principais competências acadêmicas que o(a) aluno(a) do ano em que você está atuando precisa desenvolver	56
3.1.3 Principais demandas/desafios da sua turma atual (disciplina/comportamento; aprendizagem; relações interpessoais)	57
3.2 Momento II: entrevistas	60
3.2.1 Definindo a agitação: uma primeira aproximação (O que é um aluno agitado para as professoras e como se comportam)	60
3.2.2 A aprendizagem dos alunos agitados (como aprendem, realizam as atividades e são avaliados; diferença de aluno agitado para aluno com Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade).....	62
3.2.3 O trabalho pedagógico com alunos agitados (aluno agitado <i>versus</i> aluno com Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade).....	64
3.3 Significados sobre agitação	66
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	70
PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS	72
PARTE 3	73
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	74
ANEXOS	77
ANEXO “A” – Carta de Encaminhamento e Projeto da Pesquisa	78
APÊNDICES	79
APÊNDICE “A” – Informações Gerais de Participantes da Pesquisa – Professor(a)	80
APÊNDICE “B” – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	82
APÊNDICE “C” – Roteiro de entrevista.....	83

RESUMO

BRITO, Andressa. **Ressignificando o conceito de agitação em sala de aula:** Um estudo transversal com professores de Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental. Trabalho de Conclusão de curso. Faculdade de Educação. Universidade de Brasília: Brasília, 2015.

O presente trabalho traz como temática a questão da agitação em sala de aula, com foco em um estudo no conceito e no contexto em que essa palavra se encontra no vocabulário e situações do ambiente escolar. Os objetivos específicos sobre a temática são: compreender o que é para o professor um aluno agitado: como se comportam esses alunos na rotina escolar. Entender como as crianças agitadas aprendem, como são realizadas as atividades em sala de aula, e como são avaliados esses alunos. Como o professor deve trabalhar com alunos agitados, mas que não possuem TDAH de acordo com o diagnóstico e que possuem dificuldades de concentração e aprendizagem. . Para o embasamento teórico da pesquisa, foi utilizada a teoria sociogenética de Wallon e Vygotsky, com um estudo no livro “*A criança turbulenta*”, e estudos sobre indisciplina e TDAH, para a diferenciação desses conceitos do conceito de agitação, e questões relacionadas a dificuldades de aprendizagens que os alunos podem ter. Para estudar a temática, foram realizadas entrevistas com professoras da educação infantil e do ensino fundamental, para contextualizar o tema em relação a aprendizagem e o trabalho pedagógico desenvolvido pelas professoras participantes da pesquisa, buscou-se informações da formação das participantes para agregar ao contexto da pesquisa. Os resultados da pesquisa de base qualitativa foram realizados com base nas respostas das professoras, e com foco no contexto em que trabalham, em conjunto com o referencial estudado, evidenciou-se a diferença entre agitação e hiperatividade, e a aprendizagem dos alunos agitados. Com essa pesquisa ficou evidente que dentro do ambiente escolar existe um novo conceito para caracterizar determinados comportamentos dos alunos, é a agitação, e os impactos que esse comportamento representam aos professores da pesquisa, como uma falta de controle sobre seus alunos.

Palavras-chave: Agitação. Aprendizagem. Indisciplina. TDAH. Professores.

ABSTRACT

BRITO, Andressa. **New meanings to the concept of agitation in the classroom: a transversal study with Preschool and Elementary Education teachers.** (Ressignificando o conceito de agitação em sala de aula: um estudo transversal com professores de Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental). Trabalho de Conclusão de curso. Faculdade de Educação. Universidade de Brasília: Brasília, 2015.

This study's theme focus on ideas and meanings about classroom agitation and how they are used and negotiated in the school environment. In a broad sense, the study aims at understanding how teachers from preschool to fifth grade in a Brazilian school define agitation regarding their students' behavior and how they (teachers) explain the learning process of agitated children. Specific goals grounded the empirical work, such as (1) map and differentiate teachers' meanings of agitation in different grade levels; (2) understand how agitated children learn, do classroom work and how they are being assessed; (3) finally, get some insight on how teachers should face learning of agitated children in the classroom. It is important to note that the study's approach considered agitated children those who do not have diagnostic of attention deficit hyperactivity disorder (ADHD) or other brain development specificity neither those whose behavior resulted from chemistry interference such as medication. The discussion was grounded in human development sociogenetic theories by H. Wallon and by L. Vygotsky. Also, there was a need for an overview on ADHD, indiscipline and learning difficulties' studies in order to clarify the behavioral among all such concepts. Empirical work counted with survey and individual interviews with ?? teachers from preschool and elementary education from the same school. There was a qualitative analysis considering all data, including the quantitative results. There was an emphasis on the difference between agitation and ADHD regarding to both, students' behavior and students' learning processes. Most positions signal the perspective of teaching as a controlling activity in which children are expected to low levels of active participation and learning view as receptive learning. For those positions, agitation was seen as a problem. However, there was a considering number of teachers that position themselves in a positive way towards children's learning in a sense that they did not see agitation as a child's personal characteristics, but as resulting of a complexity of classroom social interactions and routine conditions.

Keywords: Agitation. Learning. Indisciplin. ADHD. Teachers.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- CESPE - Centro de Seleções e de Promoções de Eventos da Universidade de Brasília
- CFB - Ciências Físicas e Biológicas
- DCM - Disfunção Cerebral Mínima
- EC - Escola Classe
- PAS - Programa de Avaliação Seriada
- SEDF - Secretaria de Educação do Distrito Federal
- SNC - Sistema Nervoso Central
- TDAH - Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade
- TFC - Trabalho de Final de Curso
- UnB - Universidade de Brasília
- ZDP - Zona de Desenvolvimento Proximal

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Idade dos participantes.....	49
Gráfico 2 – Formação profissional.....	50
Gráfico 3 – Experiência docente.....	50

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 –	Constituição da gestão da escola.....	47
Quadro 2 –	Síntese dos procedimentos empíricos.....	52
Quadro 3 –	Síntese dos objetivos.....	54
Quadro 4 –	Características da aprendizagem.....	57
Quadro 5 –	Conceituando aprendizagem.....	58
Quadro 6 –	Definindo comportamentos.....	59

APRESENTAÇÃO

O Trabalho de Final de Curso (TFC), denominado no Curso de Pedagogia de Projeto 5, é a conclusão da segunda parte da minha trajetória acadêmica. O estudo que resulta nesta pesquisa se intitula: “resignificando o conceito de agitação em sala de aula: um estudo transversal com professores de Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental” se originou nas observações e nas atividades de intervenção que realizei durante o estágio supervisionado obrigatório, o qual foi realizado em uma turma de primeiro ano de uma escola de ensino fundamental.

O trabalho encontra-se dividido em três partes, incluindo apêndices e anexos que compõem a pesquisa. A primeira parte é o memorial educativo, onde relato as recordações da minha vida escolar. Dominam em minha narrativa as lembranças de professores, amigos e das aprendizagens adquiridas durante os anos que passei na escola, desde a educação infantil ao ensino médio, a trajetória para ingressar na Universidade de Brasília (UnB) e a escolha do curso de Pedagogia.

A segunda parte do trabalho constitui-se da monografia propriamente dita. Está organizada em capítulos, iniciada com a revisão teórica utilizada para o embasamento da pesquisa sobre o tema, no caso o significado da agitação em sala de aula para professores da Educação Infantil e anos iniciais. Com base nesse estudo, foi estabelecido os objetivos gerais e específicos e a metodologia utilizada para construir as informações empíricas. Os resultados foram analisados e interpretados em diálogo com a literatura utilizada na parte teórica.

A terceira parte constitui-se das minhas perspectivas profissionais. Isso engloba desejos para minha vida profissional e os objetivos que tenho em mente para poder alcançar aquilo que almejo. Tudo isso constitui a terceira parte da minha vida acadêmica que finaliza com este trabalho monográfico, e é também o começo da minha vida profissional e pessoal como pedagoga.

PARTE 1

MEMORIAL EDUCATIVO

Lembranças de uma vida

Meu nome é Andressa Slâmya da Silva Brito, nasci na cidade Passagem Franca, Maranhão. Sou a mais velha de três filhas. Desde criança sempre fui bastante comunicativa, esforçada, com personalidade forte. Moro com minha avó desde que nasci. Nunca entendi muito bem o porquê. Por isso, sou mais filha da minha avó do que dos meus pais. Nunca tive um bom relacionamento com eles, talvez por não ter morado com eles. Minha avó se preocupou com a educação de todos os filhos e com a minha. Como ela só estudou até a quarta série, sempre procurou dar o máximo de educação para todos da família. Ela insistia no discurso de que todos da família “fossem alguém na vida”.

Ao longo de toda a minha vida escolar, tenho muitas recordações dos amigos que fiz e dos professores que ajudaram a construir a minha formação. Minha vida escolar começou em um pequeno colégio no Maranhão. Lembro que lá estudei o primeiro ano; fui alfabetizada aos seis anos. Da minha educação infantil não tenho muitas recordações. Fiz o primeiro ano aqui em Brasília e, no segundo ano, voltei pro Maranhão e estudei lá. Nesse momento, algumas pessoas da minha família já moravam aqui em Brasília. Então, minha avó ficava fazendo ponte aérea Brasília/Maranhão e eu vinha com ela.

Quando estava com oito anos minha avó resolveu vir morar aqui em Brasília, então voltei a estudar aqui, comecei a fazer a terceira série em uma escola perto da minha casa, lembro que tinha uma professora que pegava muito no meu pé, ela me colocava pra sentar na frente, reclamava que eu conversava demais, etc. Mas, eu não me importava muito, eu via que não era só eu que fazia bagunça na sala, então eu acabava relevando o que a professora falava.

Durante toda a minha vida escolar e acadêmica, incluindo na universidade, percebi que sempre tive algum professor que pegava no meu pé, cobrava o melhor de mim, bons trabalhos, boas notas, acho que os professores sempre esperam o melhor dos seus alunos e quando eles cobram é porque querem bons resultados, sou grata a esses professores, pois com certeza aprendi muito com eles.

Algo que marcou meus estudos foi o fato de eu sempre mudar de escola, muitas vezes eu fiquei apenas um ano em cada escola. Isso ocorria porque eu sempre estudei em escola pública, e cada escola só atende até determinada série e na maioria das vezes eu estava na

série em que a escola atendia. Isso faz parte de como o ensino é organizado nas escolas públicas do DF, as escolas classes atendem geralmente até a quarta série do fundamental, enquanto as escolas de Centro Educacional atendem da quinta série até o terceiro ano.

Na quarta série, eu já estava estudando em outra escola, tinha duas professoras: Izabel e Assunção – eram irmãs e dividiam as aulas ministradas. Apreendi muito na quarta série, fiz amizades que levo para a vida toda, amigos que estudaram comigo até a conclusão do ensino médio, concluí o ensino fundamental um com grandes amizades e aprendizagens. O que mais lembro é de várias tardes sentadas estudando a tabuada, fazendo cadernos de caligrafia e de alguém da minha família tomando minha lição de casa, lembro-me também de ir para casa de alguns amigos fazer trabalhos em grupos, das aulas de produção de texto que eu gostava muito e de jogar queimada na hora do recreio.

No ano seguinte, na quinta série, fui para outra escola, onde fiz mais amizades e comecei a ver que teria que estudar muito para passar de ano, havia muitas matérias, provas e trabalhos. A professora que mais marcou meu ano foi a professora de Ciências Físicas e Biológicas (CFB). Ela me fazia sentar na primeira cadeira ao lado da mesa dela e sempre fazia perguntas orais para a turma. Isso me fazia estudar dobrado para a aula dela, pois sempre acaba respondendo alguma coisa.

Sobre sentar na frente, isso sempre me incomodou bastante. Primeiro, porque existia mapeamento na sala e, por eu ser pequena, sempre me colocavam na frente. O outro motivo era que sempre conversei demais durante as aulas, o que me rendia algumas reclamações nas reuniões de pais. Ouvia a mesma coisa de todos os professores: ela é uma excelente aluna, mas, conversa muito nas aulas. Confesso que sempre fui muito agitada, na verdade sou até hoje, melhorei na conversa e entendi que às vezes é preciso prestar muita atenção.

Minha família sempre cobrou muito de mim em relação aos meus estudos, nunca foi aceito reprovação, até porque eu só estudava então não tinha direito a reprovação. Como sou de uma família do interior e fui criada um pouco a moda antiga, minha avó nunca entendeu muito de escola. Para ela, não existia dificuldade de aprendizagens e tudo que o professor falava era lei. Concluí a quinta série com êxito e no ano seguinte mudaria para uma escola que estudaria até terminar o ensino médio.

No ano seguinte fui para uma escola que funciona o ensino fundamental a tarde e o ensino médio pela manhã. Durante meus anos escolares, estudei a tarde pouquíssimas vezes, pois minha avó nunca gostou, sempre priorizou que estudasse pela manhã, para estudar mais em casa a tarde. Mas, esse ano muitas coisas aconteceram, mudei de escola no segundo

bimestre contra a minha vontade por causa de amizades, e porque a outra escola tinha a mesma serie pela manhã. Então fui para a Escola Classe (EC) n. 08, para a minha alegria encontrei alguns amigos da quarta serie, e tinha a professora Patrícia, de Português. Ela me fez despertar o gosto pela leitura, por ler livros, e me fez perceber a minha dificuldade enorme em alguns momentos do ano. Continuei na escola nos anos seguinte, fiz a sétima série, cada vez mais trabalhos, mais amigos, e professores que pegavam no meu pé, nesse ano era a professora de ciências. Um ponto positivo é que sempre me tornei amiga de todos os professores que pegavam no meu pé, de alguma forma eu entendia que eles queriam o melhor pra mim.

Na oitava série, voltei para a antiga escola onde fiz a sexta série, lembro da minha felicidade ate hoje, ia rever meus amigos. Mas, para minha surpresa, fiquei em uma sala que não conhecia ninguém, todo mundo já tinha reprovado umas duas vezes no mínimo, e eu era a mais nova da sala. Foi quando conheci o lado bagunceiro da escola. Matar aula, não estudar direito e muita bagunça, isso refletiu tanto que a minha turma foi desfeita no meio do ano. Eu precisava estudar muito para não reprovar de ano, até porque do ensino fundamental para o ensino médio ou você passa ou você passa!

Cheguei então ao tão sonhado ensino médio, últimos anos da escola. Sempre dizem que são os melhores e com certeza foram, fiz tudo que tinha direito e estudei o máximo que pude. No primeiro ano, eu era perdida, era a mais nova da turma novamente, o pessoal da sala já tinha reprovado na escola e, o melhor de tudo, era que não tinha mapeamento. Então, eu sentava sempre no fundo da sala o lugar que mais gostava. Foi um ano bom, tive notas baixas em física, tive minha primeira recuperação e, por conseguinte, minha primeira dependência. Dependência é quando o aluno passa devendo uma matéria do ano anterior, e durante o ano seguinte o aluno tem que fazer alguns trabalhos da matéria com outro professor, em um horário específico que a escola oferece. Precisei fazer aula de reforço e tive muita cobrança em casa por causa disso. Na minha família o lema sempre foi o seguinte: você precisa passar, porque não faz nada na vida alem de estudar, ate pagaram aula de reforço, mas cobravam o dobro por causa disso.

Cheguei ao segundo ano, dessa vez mais preparada para o ensino médio e com o peso de fazer dependência de física. Dessa vez estava no 2^a A, turma de “nerds”, bons alunos. Realmente, nós éramos bons. Tínhamos boas notas em tudo, fazíamos bons trabalhos e boas bagunças quando possível. Foi o ano mais tranquilo de todo o ensino médio, como sempre tinham os professores que pegavam no pé e as matérias que eu precisava estudar dobrado.

Desde o primeiro ano sempre precisei estudar muito para as mesmas matérias: biologia, matemática, física e filosofia. Como se vê, nunca fui muito boa em exatas e a professora de filosofia gostava de aterrorizar a vida dos alunos, Concluí o segundo ano com sucesso, passei na dependência e em todas as matérias, estava pronta para o último ano da vida escolar.

Terceiro ano: você quer aproveitar tudo que puder e tem que estudar. No começo, foi mais aproveitar, peguei os professores das piores matérias e precisei estudar o triplo do que já estudava. Até então, não tinha pensado o que queria fazer na faculdade, mas sabia que não era nada em exatas. Desde o primeiro ano que eu fazia o Programa de Avaliação Seriada (PAS), O PAS funciona da seguinte forma: é um programa da Universidade de Brasília (UnB) com as escolas do Distrito Federal, começa no primeiro ano e termina no terceiro ano, no final de cada ano o Centro de Seleções e de Promoções de Eventos da Universidade de Brasília (CESPE) realiza uma prova que conta pontos, no final do terceiro ano, eles juntam todos os pontos que o aluno fez e dependendo do curso que o aluno escolheu ele pode ingressar ou não na UnB, como eu tinha ido mal nos outros anos, olhei o curso que teria chance de passar e coloquei pedagogia. Não passei, nem no PAS e nem no vestibular do final do ano da UnB, mas concluí o terceiro ano com êxito. Senti que tinha aprendido o máximo que podia e com a sensação de dever cumprido, minha família estava feliz, principalmente minha avó, tive uma pequena formatura na escola mesmo.

Começou, então, a terceira parte da minha vida educativa: a chegada à tão sonhada UnB. Na vida eu sempre tive certeza de poucas coisas e uma delas era que precisava passar na UnB, pois se quisesse estudar em uma faculdade particular, ia ter que trabalhar para poder pagar. Minha avó não teria condições de pagar, muito menos meu pai. Como tinha terminado o ensino médio e não tinha passado em nada, tive que arrumar emprego. Comecei a trabalhar com 17 anos, mas vi que precisava de algo mais. Fiquei dois meses no meu primeiro emprego que foi no shopping, mas então resolvi pedir demissão do trabalho pois queria estudar para passar na UnB, minha avó ficou um pouco chateada com isso, pois ela sempre me preparou pra ser independente, começar a trabalhar cedo etc. Como eu não estava estudando e nem trabalhando isso era um bom motivo para minha avó reclamar que eu não queria nada com a vida.

Peguei as apostilas de um a amiga do cursinho do ano anterior, e comecei a estudar. Eu dormia mais do que estudava, várias vezes minha avó entrou no quarto e eu estava dormindo com o livro em cima de mim. Meu pai pagou meu vestibular, minha relação com eu pai sempre foi complicada, nunca morei com ele, e ele mandou o dinheiro pra eu para pagar

vestibular. Sou grata a ele até hoje, pois foi o vestibular em que passei.

Na hora de preencher qual curso iria concorrer, fiz uma série de pesquisas sobre os cursos e a disputa por vagas. Acabei entre psicologia e pedagogia, por uma certa influência da minha amiga Andrea, que já estava na UnB e cursava Pedagogia, acabei optando pelo curso, ela sempre disse que era um curso bom e com baixo numero de corte. Então, acabei colocando pedagogia. Fiz o vestibular no Leonardo da Vinci da asa norte, fui bem no primeiro dia e meio mal no segundo dia. Não esperei para pegar o caderno de prova e nem lembrava o dia que saia o resultado.

Nesse tempo todo, eu continuava procurando trabalho. No dia em que saiu o resultado do vestibular, eu estava fazendo treinamento em uma locadora. Minha amiga Rayana me ligou dizendo que eu tinha passado, na hora nem acreditei, mas fiquei feliz e fui pra casa contar para minha avó. Cheguei em casa tão feliz, contei para minha avó e para minha família. Todos ficaram felizes, sou a primeira da família a estar em uma universidade pública.

Então comecei meus estudos na UnB, a tão sonhada UnB. Foram bons semestres feitos até aqui. Não me arrependo do curso que escolhi. Vejo que fiz uma ótima escolha. Desde o primeiro semestre, os professores sempre perguntavam no primeiro dia de aula: porque você escolheu pedagogia? E eu sempre tive a mesma resposta: eu gosto do ambiente escolar, talvez por influência dos meus professores de ensino médio, e porque a educação sempre me abriu muitas portas na vida.

Desde o segundo semestre trabalho em uma escola de educação infantil e fundamental. Estar em contato com as crianças e com os professores me faz ver a cada dia que eu fiz a escolha certa, sei que existem as dificuldades de sala de aula, mas não existe nada mais prazeroso de ver que uma criança aprendeu e que você faz parte daquilo. Tornei-me uma pessoa crítica sobre vários assuntos voltados para educação, pois muitas vezes relembro a minha época de escola, as lembranças que tenho eu estava na escola ou são da escola, dos amigos, da minha relação com os professores. Como todo curso existe semestres mais tranquilos e outros em que nenhum tempo é suficiente para estudar tudo que é preciso. Mas, sei que tudo que vivi contribuiu para minha formação não só acadêmica mas também cidadã.

E agora conclui com êxito minha formação em pedagogia, tendo a certeza que fiz a escolha certa e que serei uma excelente professora.

PARTE 2

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como tema: “Resignificando agitação em sala de aula: um estudo transversal com professores de Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental”. Através desse estudo buscou-se compreender o que significa a agitação dos alunos em sala de aula, como os professores definem esse tipo de comportamento em seus alunos, e como ocorre o processo de aprendizagem dessas crianças.

A importância desse tema está em entender uma ideia e conceito presente nas rotinas escolares e no cotidiano da escola. É um “adjetivo” e um qualificativo subjetivo que tanto professores como funcionários da escola usam para definir alguns alunos. O estudo do tema permitirá também saber dos professores como eles trabalham com essas crianças, e como se veem em relação com as elas.

O interesse pelo tema surgiu no decorrer das atividades realizadas durante o Estágio Supervisionado Obrigatório (Projeto 4 - Fase 2) em uma turma de 1º ano do Ensino Fundamental em uma escola particular da cidade Guará. A turma tinha 16 alunos, entre os quais pude observar interesses variados, diversas formas de expressão e habilidades. A relação da turma com a professora e entre si era de amizade. Recorrentemente, a professora chamava a atenção e falava mais alto para repreender comportamentos que levavam a dispersão, como conversas excessivas.

Pude perceber que, no decorrer das atividades realizadas, algumas crianças não se concentravam, tinham a necessidade de estar sempre movimentando o corpo, chamando a atenção dos colegas com conversas, brincadeiras etc. para além da atividade ou tarefa. Da mesma forma, passei a observar que, na sala dos professores, os mesmos utilizavam muito a palavra agitação para definir o comportamento de alguns alunos, ou caracterizar a turma de forma geral.

Com as professoras de educação infantil, observei que isso também acontecia. As crianças agitadas são aquelas que os professores mais chamam atenção. Por agitação, em geral, definem crianças que “não gostam de sentar”, conversam e brincam muito na realização das tarefas e atividades. Muitas vezes também esse tipo de comportamento nas crianças fazem com que os professores achem que a criança é hiperativa e que precisem tomar remédio.

Durante as atividades interventivas realizadas durante o estágio e da minha vivência no ambiente escolar, decidi pesquisar sobre como a agitação e o contexto que a envolve e sua implicação no olhar dos professores sobre determinadas crianças. Surgiram, então, os seguintes questionamentos: o que é agitação? Como essa “agitação” está presente dentro do contexto de sala de aula? O professor faz alguma relação entre esse comportamento “agitado” e a aprendizagem da criança? Como o professor significa a agitação? Há, de fato, uma relação entre aprendizagem, agitação e avaliação/rendimento? Como é o processo de aprendizagem das crianças que os professores consideram agitadas? E a socialização dessas crianças, como é?

Outra questão acerca da noção de “agitação” é a sua associação à hiperatividade, que muito se dá no senso comum: será que uma criança agitada é uma criança hiperativa? A agitação tem alguma relação com o conhecido Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH)? Qual é a singularidade e especificidade de cada um desses termos? Diante desses questionamentos foi delimitado o objetivo geral da pesquisa: investigar a relação entre o comportamento dos alunos considerados “agitados” e sua aprendizagem em sala de aula, como ocorre esse processo, e como o professor pode intervir de forma a promover aprendizagem desses alunos na rotina escolar. Assim, se delinearam os objetivos específicos, a saber:

- Analisar os significados de um aluno agitado para o professor, priorizando como este caracteriza tal comportamento e avalia a aprendizagem desses alunos;
- Entender como as crianças agitadas aprendem, diferenciando agitação de TDAH e outras dificuldades de aprendizagem; e
- Contribuir como trabalhar com alunos agitados e propor atividades em sala de aula.

Para o referencial da pesquisa foi utilizada a teoria de Henry Wallon e Lev Vygotsky, com foco no livro a criança turbulenta, que traz uma pequena abordagem sobre a origem da agitação relacionado ao comportamento das crianças.

O estudo da pesquisa foi organizado da seguinte forma: no primeiro momento fiz o primeiro contato com as professoras da escola, onde elas responderam ao questionário sócio demográfico com algumas informações pessoais, e algumas perguntas específicas de acordo com a série com a qual trabalham.

Para a análise dos dados, foi realizada uma análise e montado três gráficos e seis tabelas com dados das participantes, para entender a realidade e a formação de cada participante envolvida na pesquisa. Todas essas partes estão contempladas no capítulo da metodologia da pesquisa.

No segundo momento foram realizadas dez entrevistas individuais e gravadas, de acordo com o tema da pesquisa, no caso: agitação, com base na realidade da série que cada professora trabalha, desde educação infantil até o 5º ano do ensino fundamental.

O capítulo dos resultados apresenta os dados levantados nas entrevistas individuais, com uma síntese da fala das professoras participantes sobre o tema da pesquisa no contexto escolar e vivência em sala de aula. Foram feitos também algumas tabelas evidenciando a realidade dos alunos, e o contexto no qual os alunos agitados estão inseridos. Ao final do capítulo é estabelecida a relação entre a pesquisa realizada e o referencial teórico utilizado para chegar às conclusões.

O último capítulo contém as considerações finais sobre a realização e desenvolvimento do trabalho, aspectos importantes a serem considerados pelas escolas e professores podem trabalhar com as crianças agitadas e promover seu desenvolvimento e aprendizagem. Após esse capítulo, compartilho minhas perspectivas profissionais, com informações sobre o que pretendo seguir como profissão e continuação da minha formação acadêmica.

CAPÍTULO 1 – RESIGNIFICANDO CONCEITOS

O interesse por compreender os sentidos da agitação das crianças no contexto escolar acarretou desafios teórico-metodológicos importantes: como estudar um conceito tão arraigado no senso comum e na fala popular, com profundidade e cientificidade duvidosas? Se a problematização surgiu da ocorrência tão frequente desse termo nas conversas informais dos professores sobre seus alunos, por que não tentar compreender que significados essa palavra tem para os professores e como ela medeia semioticamente a relação com seus alunos? Com base no dicionário Aurélio (FERREIRA, 2009), o significado literal de agitação, temos a seguinte definição: *agitação* “1 - ação ou efeito de agitar(se), 2 – perturbação do espírito; excitação 3 – transtorno de ordem social, política ou econômica. E para a palavra agitado que é como as professoras se referem aos alunos: *Agitado*; “1 diz-se de indivíduo inquieto; 2- que tem muito movimento”.

Diante dos conceitos apresentados os que mais se aproximaram das situações em que observei são: movimento, transtorno da ordem e que tem muito movimento. A partir dessa vivência comecei a me questionar como seriam essas crianças a partir da forma como os professores as definiam e como subsidiar o professor para que ele possa resignificar e transformar uma situação que se apresenta problemática.

Teoricamente, esse fenômeno aparece subliminarmente nas perspectivas sociogenéticas, uma vez que quando os professores se referem a agitação de um aluno, estão se referindo às questões relacionais e interacionais envolvidas nas rotinas do trabalho escolar. Por isso, escolhemos dois autores principais e estudos desenvolvidos nessa linha de conhecimento. Para desenvolver a temática, a presente monografia se fundamenta nas ideias de Henri Wallon (1879-1962) e Lev S. Vygotsky (1896-1934).

1.1 Aprendizagem e desenvolvimento: a perspectiva sociogenética de Henri Wallon e Lev S. Vygotsky

Henri Wallon foi médico, psiquiatra, psicólogo e educador francês. Em sua teoria psicogenética define o ser humano como ser geneticamente social e mostra que existe uma estreita relação entre o desenvolvimento genético e social da pessoa. Em seus estudos propõem um estudo integrado do desenvolvimento, onde possa ser estudados todos os campos

funcionais em que estão distribuídas atividades infantil (afetividade, motricidade, inteligência) (GALVÃO, 2012).

Afirma que há uma dualidade que permeia os sentimentos e as ações. O desenvolvimento social começa com a criança, ainda nos primeiros anos de vida. A criança é um ser social desde o seu nascimento e quando começa a relação com o outro baseada, segundo Nascimento (apud CARVALHO, 2003), na troca de sentimento (afeto) e expressões (comunicação). Essa relação é a gênese da cultura.

Com base em uma série de estudos, Wallon estabeleceu cinco estágios de desenvolvimento da inteligência sensório motora da criança, ressaltando que o afeto é o fundamento da emergência do intelecto e de todos os processos psíquicos e o meio no qual a criança está inserida também contribuem para a interação. O estágio **impulsivo emocional** abrange o primeiro ano de vida, com foco na emoção (expressão), instrumento que a criança utiliza para se comunicar com o meio e estabelecer a sua relação com o adulto. O estágio **sensório-motor e projetivo** vai até o terceiro ano de vida da criança. A criança começa a explorar o mundo a sua volta, faz aquisição da marcha e da preensão, o que permite ter contato e a manipulação de objetos. Outro marco importante da fase é o desenvolvimento da função simbólica e da linguagem, a comunicação por meio da fala ou outros meios de comunicação mediada, o termo projetivo refere-se ao fato da ação do pensamento precisar dos gestos para se exteriorizar. O ato mental "projeta-se" em atos motores. Como diz Dantas (1992 apud GUEDES, 2007), para Wallon, o ato mental se desenvolve a partir do ato motor. O estágio do **personalismo** compreende dos três aos seis anos de idade, em que ocorre a formação da personalidade. Há a diferenciação do "eu" do "outro", embora a criança não se coloque no lugar do outro. No estágio **categorial**, a criança adquire mais autonomia sobre sua consciência e sobre o que a cerca. Acontecem as abstrações e a criança pode pensar e operar através do imaginário. Por fim, no estágio da **adolescência**, há uma redescoberta por parte da pessoa, há uma redefinição na estrutura dos sentimentos, da personalidade, e também a transformação do corpo (GALVÃO, 2012).

No decorrer do desenvolvimento da criança, cada vez mais o biológico vai dando espaço para o social, é a cultura e a linguagem que fornecem ao pensamento os instrumentos para sua evolução. Há um trabalho realizado em conjunto, pois mesmo com o amadurecimento do sistema nervoso, a criança precisa de outras intervenções para concluir seu desenvolvimento (GALVÃO, 2012).

Pode-se notar com a descrição das etapas que existe uma elaboração de princípios funcionais: integração, preponderância e alternância, que definem o desenvolvimento como um processo descontínuo, marcado por rupturas e crises (NASCIMENTO apud CARVALHO, 2003).

Nessas etapas, as formas de atividades construídas pela criança passam por reformulações. Ora preponderam os aspectos afetivos, voltados para o mundo humano, ora os cognitivos, voltados para o mundo físico, que se alternam, proporcionando características próprias a cada etapa. A ordem para realização do desenvolvimento, além disso, é permeada pela cultura e pelo ambiente em que a criança está inserida (NASCIMENTO apud CARVALHO, 2003, p. 52).

No processo de desenvolvimento da criança, a mesma precisa passar por alguns processos, como a interiorização que leva a formação da sua personalidade, a diferenciação do “eu” do “outro”. Com essa diferenciação, a criança passa pela construção do eu psíquico e do eu corporal. Um dos marcos da diferenciação do eu psíquico e do eu corporal, é que a criança começa a se referenciar a ela na primeira pessoa, isso começa a acontecer por volta dos três anos (GALVÃO, 2012).

A emoção é a base das relações afetivas e sociais. É a primeira manifestação do ser humano pela sobrevivência de um ser dependente de um adulto de sua espécie para se nutrir. Nos primeiros anos de vida do bebê, a emoção é fonte ou recurso manifestado no movimento (involuntário ou voluntário) para se relacionar com o meio a sua volta. Por exemplo, um dos movimentos característicos do bebê é sorrir. Inicialmente, é movimento reflexo e involuntário. O sorriso passa de um sorriso fisiológico para um sorriso social.

As emoções, assim como os sentimentos e os desejos, são manifestações da vida afetiva. As emoções possuem características específicas que as distinguem de outras manifestações de afetividade (GALVÃO, 2012, p. 61).

Em seus estudos Wallon procurou utilizar das emoções tenta apreender suas funções, diferente da visão de outros autores que veem a emoção por exemplo como ações que podem atrapalhar a atividade psíquica e motor do ser humano. Em sua teoria Wallon defende que as emoções são reações organizadas e que exercem sob o comando do sistema nervoso central, e possuem uma região específica no cérebro que as regulam (GALVÃO, 2012).

Um ponto que torna evidente que as emoções possuem papel específico na vida do ser humano, esta no fato de que no primeiro ano de vida a emoção predomina em todas as condutas do bebe, a medida que a criança cresce a emoção vai perdendo seu espaço para as funções psíquicas onde prevalecem o pensar e agir.

Ao dirigir o foco de sua análise para a criança, Wallon revela que é na ação sobre o meio humano, e não sobre o meio físico, que deve ser buscado o significado das emoções (GALVÃO, 2012, p. 59).

Na teoria walloniana é possível identificar a importância que as emoções possuem em relação como o tônus se forma, age ou se conserva, que esta relacionada com a função postural ou tônica. A cada emoção que a criança tem, o comportamento por ela emitido ocorre de forma diferente, assim como também o que é sentido por ela a cada manifestação (GALVÃO, 2012).

Outro ponto importante onde a emoção esta inserida refere-se ao fato da vivencia com outras pessoas, pois a emoção é algo que contagia, em um ambiente onde a criança esta inserida ajuda no convívio entre as personalidades de cada um, pois a emoção propicia que todos estejam no mesmo nível. Um exemplo disso é que em grupo o riso pode contagiar a todos. A emoção quando está presente e é estável em um grupo minimiza a noção de individualidade de cada um (GALVÃO, 2012).

Como citado anteriormente o ato motor também está ligado a afetividade e á cognição. Wallon relata a motricidade afetiva, isto é a dimensão afetiva do movimento.

Antes de interagir sobre o meio físico, o movimento atua sobre o meio humano, mobilizando as pessoas por meio do seu teor expressivo. Podemos dizer que a primeira função do movimento no desenvolvimento infantil é afetiva (GALVÃO, 2012, p. 70).

Diversos movimentos realizados pela criança estão ligados com a função tônica, são eles: a estabilidade dos gestos produzidos pelo corpo e os movimentos, a percepção, pois a postura também está ligada a atividade intelectual, e as variações tônicas do corpo da criança refletem o curso do seu pensamento. A medida que há o progresso das atividades cognitivas os movimentos realizados pela criança começam a interagir com a inteligência: “o desenvolvimento da dimensão cognitiva do movimento torna a criança mais autônoma para agir sobre a realidade exterior”.

Juntamente a afetividade e o motor, a linguagem foi outro campo estudado por Wallon, para ele: “A linguagem é o instrumento e o suporte necessário para o progresso do pensamento” (GALVÃO, 2012, p. 70). A linguagem e o pensamento possuem uma relação de reciprocidade, pois a linguagem exprime o pensamento, assim como também regula a estrutura do pensamento.

Outro teórico que trata a cultura e o ambiente social como fundamento para o desenvolvimento humano é Vygotsky. Lev S. Vygotsky nasceu no extinto país União Soviética, de família rica, sempre estudou em casa com tutores, frequentou a escola apenas nos últimos anos do curso secundário. Estudou direito e frequentou cursos de filosofia, psicologia e literatura que o influenciaram mais tarde nos seus escritos. Após alguns anos, dedicou se também a estudar medicina (OLIVEIRA, M. K., 1993; 2008).

Em sua teoria sobre o desenvolvimento cultural humano tem como fundamentos que o ser humano é um ser de natureza social. O conceito central em sua teoria é a interiorização. Para a teoria histórico cultural a criança nasce com uma única potencialidade: é a potencialidade de aprender outras potencialidades. Em condições adequadas de vida e de educação, a criança desenvolve-se intensamente.

A interação com o outro é mediada por ferramentas culturais e a interação com o mundo é mediada pelo outro. A partir disso, a criança irá se desenvolver pela mediação do outro, dos signos e da cultura de forma ativa e construtiva.

As ferramentas culturais que Vygotsky define que ajuda no processo de mediação com o outro e com o meio são os signos e os instrumentos.

O signo age como um instrumento da atividade psicológica de maneira análoga ao papel de um instrumento no trabalho. Os instrumentos, porém, são elementos externos ao indivíduo, voltados para fora dele; sua função é provocar mudanças nos objetos, controlar processos da natureza. Os signos, por sua vez, são orientados para o próprio sujeito, para dentro do indivíduo (OLIVEIRA, M.K 1993; 2008, p. 30).

No seu desenvolvimento a criança irá utilizar diversos meios para a interação com o outro e com o meio, um desses instrumentos é a linguagem, que para Vygotsky: “é o sistema simbólico universal básicos de todos os grupos humanos” (OLIVEIRA, M. K., 1993; 2008, p. 42).

A linguagem ocupa lugar importante na teoria de Vygotsky, pois é a partir dela que ocorre todo o processo até a formação total do pensamento e a estruturação da fala. Para

Vygosty a linguagem possui duas funções básicas que são: a de intercambio social e a de pensamento generalizante (OLIVEIRA, M. K., 1993; 2008, p. 27).

Antes da linguagem propriamente dita a criança passa pela fase pré-intelectual do desenvolvimento da linguagem e a fase pré-verbal do desenvolvimento do pensamento. Vygotsky afirma que a relação do homem com o mundo não é uma relação direta, mas uma relação mediada. Em decorrência disso, a mediação entra no momento em que essa relação deixa de ser direta e passa a ser mediada por um elemento intermediário.

Assim como Wallon, Vygotsky destaca que o desenvolvimento da criança é descontínuo. Em sua teoria não existem fases pela qual a criança vai passar, mas sim transformações que constituem o desenvolvimento humano como: “apropriação e transformação da cultura herdada, e define a ontogênese individual como uma sequencia de acontecimentos importantes que se dão em paralelo e como decorrência dos fatos da vida social” (VASCONCELLOS, 1995, p. 45).

Porém, diferentemente de Wallon, não faz uma periodização do desenvolvimento da criança. A criança passa por etapas até que todo a sua linguagem e seu pensamento esteja estruturado para a interação com o meio social. Para esse desenvolvimento implica uma construção com o outro, para que o pensamento se torne verbal e a linguagem racional.

Para Vygotsky o pensamento e a linguagem possuem origens diferentes, ate o momento em que existe uma correlação entre o pensamento e a linguagem. A medida que a criança se apropria da linguagem percebe que cada palavra tem um significado. “Vygotsky distingui dois componentes do significado da palavra: o significado propriamente dito e o “sentido” (OLIVEIRA, M. K., 1993; 2008, p. 50). É a partir da apropriação de algo que a criança constitui o processo de educação. Ao adquirir a linguagem e os seus significados, a criança faz um recorte da sua vivencia e aplica as palavras com os significados que conhece pela sua vivencia. No decorrer do seu desenvolvimento a criança vai adequando os significados das palavras ‘pela interação e mediação realizada pelos adultos.

Outra questão que esta ligada ao desenvolvimento da linguagem é a fala egocêntrica, onde a criança, momento que antecede a fala socializada da criança que esta ligada ao seu pensamento que será interno. Há três fontes essências de conhecimento: a herança biológica, a experiência individual e a herança social (MELLO apud CARRARA, 2004). Para Vygotsky, desde o nascimento da criança seu aprendizado esta relacionado com seu desenvolvimento, cada aprendizagem está relacionada com o meio na qual a criança esta inserida, e quais valores são mediados através da cultura.

A educação se constitui sob o conceito de zona de desenvolvimento proximal que envolve a relação entre os dois tipos de desenvolvimento: o real e o potencial. A principal diferença entre esses conceitos é que o desenvolvimento proximal real é quando a criança consegue realizar determinada atividade sozinha, são atividades que já foram internalizados pela criança durante seu desenvolvimento. Na zona de desenvolvimento proximal potencial, a criança consegue desenvolver atividades com o auxílio de um adulto ou de pessoas mais velhas, através das instruções que lhe forem dadas a criança realiza a atividade.

A zona de desenvolvimento proximal refere-se, assim, ao caminho que o indivíduo vai percorrer para desenvolver funções que estão em processo de amadurecimento e que se tornarão funções consolidadas, estabelecidas no seu nível de desenvolvimento real. A zona de desenvolvimento proximal é, pois, um domínio psicológico em constante transformação: aquilo que uma criança é capaz de fazer com a ajuda de alguém hoje, ela conseguirá fazer sozinha amanhã (OLIVEIRA, M. K., 1993; 2008, p. 60).

Os agentes ativos na Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) não incluem apenas pessoas, como crianças e adultos com grau diverso de experiência, mas também artefatos, como livros, vídeos, suporte informático etc. (CUBERO; LUQUE apud COLL; MARCHESI; PALACIOS, 2004, p. 99).

1.2 Processos de socialização e relações na sala de aula

Vygotsky e Wallon utilizaram suas teorias para significar o trabalho que o professor deve desempenhar em sala de aula, de modo que a criança seja ativa no seu processo de aprendizagem, é que o professor seja um mediador do conhecimento. Muitos estudos de Vygotsky foram dedicados a estudar a relação entre a criança e o adulto.

Para Vygotsky, a tarefa do educador é garantir que a criança se desenvolva a partir do meio, com toda a bagagem social e cultural que possui e suas aptidões. É necessário que o educador identifique quais elementos da cultura precisam ser melhor assimilados pela criança (MELLO apud CARRARA, 2004).

O processo de aprendizagem é sempre colaborativo, ou seja, resulta da ação conjunta entre o educador ou parceiro mais experiente e aquele que aprende. O processo de aprendizagem é sempre ativo do ponto de vista do sujeito que aprende (MELLO apud CARRARA, 2004, p. 145).

É importante notar que na questão da aprendizagem, a criança pode aprender em diferentes ambientes, não somente na escola, e qualquer pessoa mais experiente pode ser parte nesse processo. É preciso que a criança veja sentido na atividade que ela faz para que ocorra uma aprendizagem significativa, a atividade deve responder aos desejos, interesses e motivos da criança. “Pois toda tarefa possui um sentido e um objetivo, o sentido é dado pela relação entre motivo e objetivo” (MELLO apud CARRARA, 2004, p. 147).

O que ocorre em sala de aula é que muitas vezes a criança não consegue entender as atividades que realizam lá, não ocorre uma aprendizagem significativa, é preciso que o professor mostre para a criança o sentido de por quê ela precisa aprender determinado assunto ou realizar as atividades seguindo determinados passos. Inclusive o professor deve abrir espaços para as crianças fazerem sugestões.

Wallon também, ao destacar a importância do professor para o desenvolvimento e a aprendizagem da criança, considera que a educação deve integrar, sua prática aos objetivos, essa duas dimensões, a social e a individual: deve, portanto, atender simultaneamente à formação do indivíduo e à sociedade (GALVÃO, 2012, p. 91).

Outros autores também estudaram a dinâmica existente em sala de aula mediante a teoria de Vygotsky, levando em consideração seus estudos sobre a zona de desenvolvimento proximal, outros estudos puderam ser relacionados aos processos de aprendizagem que ocorrem em sala de aula. A autora Barbara Rogoff (apud CUBERO; LUQUE apud COLL; MARCHESI; PALACIOS, 2004) ampliou seus estudos sobre a zona de desenvolvimento proximal e chegou a conclusão de que é possível fazer uma participação guiada com as crianças sobre as atividades que acontecem em sala de aula. Para a autora, a aprendizagem está relacionada com a apropriação que as crianças fazem através da cultural e da troca que existem nesse ambiente, pois a sala de aula é um lugar de coletividade, ou seja, os alunos aprendem através das trocas seja de cultural, saberes, ou da sua história (CUBERO; LUQUE apud COLL; MARCHESI; PALACIOS, 2004, p. 102).

Segundo Rogoff (1990), são dois os processos que ocorrem na participação guiada. Em primeiro lugar, os adultos e os companheiros apoiam, estimulam e organizam as atividades de forma que as crianças possam realizar a parte que é acessível a elas. O que fazem é construir pontes do nível de compreensão e de habilidade do menino ou da menina até outros níveis mais complexos. Tornando o aluno responsável por parte da atividade que se compartilha, possibilita-se que ele controle metas ao mesmo tempo exequíveis e desafiadoras, metas que aumentam sua complexidade à medida

que crescem o conhecimento e as habilidades de meninos e meninas. Em segundo lugar, os adultos e os companheiros estruturam a participação das crianças de forma dinâmica, ajustando-se às condições do momento. A medida que a responsabilidade e a autonomia dos alunos for progressivamente maior, o controle da atividade será transferido do adulto para a própria criança (CUBERO; LUQUE apud COLL; MARCHESI; PALACIOS, 2004, p. 102).

É possível entender que a cultura oferece diversas ferramentas que podem ser inseridas ao contexto escolar, como forma de ajudar no processo de apropriação/aprendizagem dos alunos. Pois a medida que a criança conhece determinados elementos da sua cultura, ela já consegue associar a outros que estão próximos, isso se dá através da mediação que os professores farão em sala de aula.

Como mencionado anteriormente a zona de desenvolvimento proximal pode ter a participação de diversos agentes (ferramentas e signos), como não é algo que já está criado, os processos educacionais auxiliam na sua criação, tendo em vista que cada indivíduo está em um determinado nível de desenvolvimento, as interações no contexto escolar e o processo de ensino/aprendizagem propiciam maior desenvolvimento do indivíduo (CUBERO; LUQUE apud COLL; MARCHESI; PALACIOS, 2004, p. 100).

1.3 Trajetória histórica dos estudos de comportamentos “inquietos”

A história dos estudos de comportamentos considerados “inquietos” tem origem nos estudos do desenvolvimento psicomotor da criança. Foi com base nos estudos de crianças com distúrbios psicomotores que alguns estudiosos chegaram a suas teorias sobre o desenvolvimento infantil.

Para o embasamento do conceito de agitação, iniciamos com uma breve exposição sobre a obra “A criança turbulenta” de Wallon (1925-2007). Sua atuação como médico possibilitou que desenvolvesse um estudo sobre os diferentes tipos de síndromes apresentadas por crianças. O tema do livro foi a tese de doutorado em Letras, e foi elaborada a partir de uma série de observações que realizou com 214 crianças.

O livro está dividido em duas partes, na primeira parte Wallon faz um estudo dos estágios do desenvolvimento psicomotor e o estrutura com as síndromes psicomotoras. Na

segunda parte são os estudos das síndromes psicomotoras que consistiu em agrupar os diversos distúrbios motores em função dos diferentes centros nervosos que os produzem e em procurar correlação com as perturbações psíquicas. Na terceira parte apresenta as 214 observações, onde 75 foram usadas para a análise dos estágios de desenvolvimento e 139 para a análise das síndromes (WALLON, 2007, p. 14; 27).

Wallon viveu em um período de grande instabilidade social. Foi contemporâneo às duas guerras mundiais (1914-18 – 1939-45). É provável que a vivência de momentos históricos tão turbulentos tenha evidenciado a influência fundamental que o meio social exerce sobre o desenvolvimento da pessoa humana, aspecto que tem destaque em sua teoria (GUEDES, 2007).

Após a graduação em Medicina, atuou em instituições psiquiátricas onde dedicou-se ao atendimento de crianças com deficiências neurológicas e distúrbios de comportamento. Serviu como médico no exército francês em 1914, na frente de combate. O contato com as lesões cerebrais sofridas por ex-combatentes e a observação dos efeitos das lesões nas condutas e habilidades desses soldados fez com que revisse postulados neurológicos que havia desenvolvido no atendimento a crianças com deficiência (GUEDES, 2007).

Em 1925 fundou um laboratório destinado à pesquisas e atendimento clínico de crianças ditas “normais” que funcionou durante 14 anos ao lado de uma escola na periferia de Paris. Tal proximidade favoreceu o acesso à criança contextualizada (inserida em seu meio) e estreitou suas questões com a educação (GUEDES, 2007).

Wallon categoriza as síndromes psicomotoras, a parte do corpo que por ela é afetada e como a criança se desenvolve em função de cada especificidade. As síndromes estudadas foram: síndrome de assinergia motora e mental, síndromes psicomotoras de hipertonia, síndromes de automatismo emotivo-motor, síndromes de insuficiência frontal. Apesar de todas as síndromes estudadas serem psicomotoras, cada uma difere num aspecto específico. Síndromes de assinergia motora e mental: observa-se principalmente o desequilíbrio no andar. Síndromes psicomotoras de hipertonia: Síndrome de automatismo emotivo-motor: Síndromes de insuficiência frontal.

Durante as partes que se apresentam as síndromes, é possível notar que alguns momentos aparecem a palavra agitação associado ao comportamento da criança.

Nas crianças anormais observa-se um certo número de comportamentos típicos: agitações impulsivas, emoções violentas, estereotípias, ecolalia, ecocinesia, imitação vazia, etc. Que se manifestam abundantemente e se repetem com grande monotonia e uniformidade. Encontram-se na criança normal mas de forma temporária, muitas vezes fugaz, em períodos bem

determinados da vida e desaparecem nos períodos seguintes ou se transformam (WALLON, 2007, p. 14).

Wallon tomou como base para seus estudos a psicomotricidade e relacionou com os movimentos das crianças em seu processo de desenvolvimento. Em seus estudos relacionou o movimento com o afeto, as emoções e o ambiente em que o indivíduo está inserido.

O movimento é a única expressão, e o primeiro instrumento do psiquismo, e que o desenvolvimento psicológico da criança é o resultado da oposição e substituição de atividades que precedem umas as outras (JOBIM; ASSIS, 2008, p. 2)

Para Wallon, o ato mental está ligado com o ato motor, e com as demais funções que o corpo pode desempenhar. Em seus estudo buscou encontrar a relação entre a função tônica e as emoções (DANTAS, 1992 apud GUEDES, 2007, p. 85).

Historicamente o termo "psicomotricidade" aparece a partir do discurso médico, mais precisamente neurológico, quando foi necessário, no início do século XIX, nomear as zonas do córtex cerebral situadas mais além das regiões motoras. Só em pleno século XIX o corpo começa a ser estudado, em primeiro lugar, por neurologistas, por necessidade de compreensão das estruturas cerebrais, e posteriormente por psiquiatras, para a classificação de fatores patológicos. É justamente a partir da necessidade médica de encontrar uma área que explique certos fenômenos clínicos que se nomeia, pela primeira vez, a palavra "Psicomotricidade", no ano de 1870 (JOBIM; ASSIS, 2008).

No campo patológico destaca-se a figura de Dupré (1909), neuropsiquiatra, de fundamental importância para o âmbito psicomotor, já que é ele quem afirma a independência da debilidade motora (antecedente do sintoma psicomotor) de um possível correlato neurológico e o termo "Psicomotricidade", quando introduz os primeiros estudos sobre a debilidade motora nos débeis mentais (JOBIM; ASSIS, 2008, p. 2).

Na década de 1970, diferentes autores definem a psicomotricidade como uma motricidade de relação. Começa então, a ser delimitada uma diferença entre uma postura reeducativa e uma terapêutica que, ao despreocupar-se da técnica instrumentalista e ao ocupar-se do "corpo de um sujeito" vai dando progressivamente, maior importância à relação, à afetividade e ao emocional. Para o psicomotricista, a criança constitui sua unidade a partir das interações com o mundo externo e nas ações do Outro (mãe e substitutos) sobre ela (ABP, 2015).

Podem-se distinguir dois tipos de intervenção para o uso da psicomotricidade, a primeira está relacionada com casos clínicos, que é a terapêutica, onde se trabalha a questão da reeducação postural, a terapia psicomotora. O segundo uso está voltado para o campo da educação, onde a psicomotricidade aparece como facilitadora dos movimentos, é muito usada nas crianças em situação escolar (CARVALHO, 2003).

As escolas utilizam muito a psicomotricidade em muitas atividades que realizam, para que as crianças desenvolvam mais seus movimentos. A educação psicomotora compreende diferentes partes da formação da criança, como a parte social, a personalidade, seu lado intelectual, motor e emocional. É importante que as atividades psicomotoras estejam ligadas ao entendimento do que se deseja desenvolver na criança, ela precisa estar vinculada ao processo do desenvolvimento psicológico da criança (CARVALHO, 2003).

Para finalizar é possível entender que existe uma relação entre a educação psicomotora (psicomotricidade) e a teoria de Wallon, pois:

[...] na medida em que respeita a complexidade do ser humano, compreendendo-o em sua multidimensionalidade psíquica, corporal e social, propondo-se a superar as dicotomias corpo-mente, indivíduo-sociedade e razão-emoção, heranças da visão cartesiana de homem que perpassa diversas reflexões ocidentais (GALVÃO, 2012, p. 33).

1.4 Os limites tênues entre fenômenos diferentes no discurso escolar: agitação *versus* indisciplina *versus* Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade

1.4.1 Agitação

Como citado anteriormente, a palavra agitação possui diferentes significados. Para o contexto escolar os significados que podem ser contextualizados são: movimento, perturbação, desordem e tumulto, que, os professores utilizam para descrever comportamentos cotidianos dos alunos. Mas, onde encontrá-la nos estudos científicos e desde quando há preocupação em tratá-la como fenômeno passível de conhecimento científico?

O termo apareceu em vários momentos no livro de Wallon: “*A criança turbulenta*” como características de algumas síndromes psicomotoras. Mas o que pude observar durante o estágio é que nem sempre crianças consideradas agitadas são crianças que possuem síndrome.

Normalmente esse é um comportamento variável, que poder ocorrer com frequência ou não. Mesmo porque uma criança agitada o tempo todo entra na questão das crianças que possuem Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH).

Crianças ficam agitadas em diferentes momentos, em alguns momentos em atividades, ou após voltarem do recreio, momento esse propício para agitação. Dentro do ambiente escolar os conceitos mais utilizados para caracterizar alunos são o de indisciplina e de agitação, muitas vezes essas palavras acabam sendo associadas pelos professores, e os professores acabam associando notas baixas com comportamento, tanto a agitação que faz com que a criança tenha dificuldade em se concentrar em algo ou permanecer concentrado, quanto a indisciplina, que está associada também a normas que a criança deve cumprir, como fazer dever, respeitar os professores, etc.

Desde que a criança começa a sua vida escolar, é imposto a ela várias regras que devem ser seguidas, e considero que a agitação está presente nesse “fugir” das regras. No livro “Henri Wallon”, a autora Izabella Galvão mostra que muitas vezes as causas dessa agitação dos alunos os responsáveis são os próprios professores, que não sabem como trabalhar com a criança de maneira, e coloca que muitas vezes o professor não consegue ter controle sobre o comportamento do seu aluno, e aí entra a denominação de criança agitada.

Este quadro completa-se pela elevada incidência de exortação e advertências verbais, tais como “senta e fica quieto”, “presta atenção”, “agora não é hora de fazer correria”, emitidas pelo professor na esperança de conseguir controlar os alunos e estancar a turbulência (GALVÃO, 2012, p. 108).

Cenas como a descrita no livro acontecem diariamente em salas de aula, não somente na escola utilizado para o estágio, mas em todas as escolas de forma geral. A cada dia os professores buscam meios de controlar seus alunos, com atividades que exigem que as crianças fiquem sentadas, paradas e com a atenção concentrada em um único foco.

Em geral, a intensidade com que a escola exige essas condutas é superior as possibilidades da idade, o que propicia a emergência de dispersão e impulsividade, já que o cansaço provoca flexibilidade ainda mais o domínio da criança sobre sua atenção e suas reações motoras (GALVÃO, 2012, p. 109).

Em relação a agitação das crianças da educação infantil, Wallon em sua teoria explica que com o desenvolvimento da criança ela vai aprendendo a ter controle sobre seus movimentos e emoções, isso ele define como disciplinas mentais, essa capacidade esta ligada

ao centros de inibição e discriminação situados no córtex cerebral, que se dá por volta dos 6 ou 7 anos (GALVÃO, 2012).

Antes dessa idade a possibilidade da criança controlar voluntariamente suas ações é pequena. Isso se reflete, por exemplo, na dificuldade em permanecer numa mesma posição ou fixar atenção sobre um foco (GALVÃO, 2012, p. 75).

É comum ver as professores da Educação Infantil reclamarem do comportamento dos seus alunos, principalmente que eles não conseguem sentar por muito tempo ou realizar as atividades com muita atenção. A explicação para esse tipo de comportamento dos alunos está totalmente ligada ao seu desenvolvimento cognitivo e motor, o que acontece é que muitas vezes os professores não entendem a origem desse comportamento na criança, e a escola cobra uma postura que eles ainda não entendem.

Considero que a agitação em si não é ruim, só depende do momento em que ela acontece no decorrer da atividade. Há momentos propícios e específicos, há momentos de alegria e entusiasmo que acarretam barulho. O professor às vezes deseja que o aluno seja sempre quietinho e atento a ela ou à realização das atividades, e os alunos que fogem a esse padrão acabam sendo considerados agitados, existem turmas que são consideradas agitadas por causa do barulho que fazem, da falta de atenção para fazer as atividades.

Em um estudo realizado é evidenciado que a agitação dos alunos não deve ser visto pelos professores como algo ruim, pois agitar-se é sair do comodismo, e isso se faz necessário no processo de aprendizagem dos alunos (XAVIER, 2013, p. 25).

Acredito que assim como as moléculas, o pensamento e o corpo devem ser postos em movimento, agitados, afim de que aquilo que esteja estagnado, sem desejo, possa vir a tona em buscas de respostas e novos questionamentos. Assim a agitação seria um item indispensável a aprendizagem (XAVIER, 2013, p. 25).

Os episódios vivenciados revelam que há vários momentos que definimos por agitação, normalmente relacionados a comportamentos de dispersão ou entusiasmo excessivo. Mas, que possuem origens e motivações diferentes.

1.4.2 Indisciplina

Uma palavra que faz parte do contexto escolar é a indisciplina. Geralmente os professores associam a falta de comportamento e de educação, como eles costumam falar como indisciplina. É aquele aluno que não senta, que responde o professor, que possui mal comportamento.

Dentro do ambiente escolar os professores acabam categorizando alunos e turmas como indisciplinados, o que é necessário se ter atenção é que o conceito de indisciplina também é variável, pois depende do comportamento que os alunos apresentam, e do que o professor define como uma disciplina em sala de aula.

É sempre bom lembrar que um mesmo aluno indisciplinado com um professor nem sempre é indisciplinado com os outros. Sua indisciplina, portanto, parece ser algo que desponta ou se acentua dependendo das circunstâncias. Por isso, talvez devêssemos nos indagar mais sobre essas circunstâncias, e, por extensão, despersonalizar o nosso enfrentamento dos dilemas disciplinares (AQUINO, 1998, p. 25).

Ao analisarmos o contexto histórico escolar é possível ver que a escola sempre foi vista como um local de regras, e os professores tinham o poder para punir seus alunos, mas com a produção de conhecimento, a escola e o regime escolar precisaram se adequar a nova realidade. E o que acontece é justamente essa falta de “poder” dos professores sobre os alunos (SILVA; MANEÁ, 2010, p. 187).

O cotidiano escolar do início do século espelhavam quartéis, onde o professor era um superior hierárquico com a função de modelar moralmente os alunos, semelhante a uma militarização, professor e alunos tinham papéis definidos (AQUINO, 1998).

Há diferentes causas para a indisciplina, uma delas é que quando alguém não segue as regras, no caso da escola onde há bastante regras, os alunos indisciplinados são geralmente aqueles que não seguem regras. A indisciplina é vista pelos professores como algo que interfere na aprendizagem dos alunos.

Em seus estudos, Freller (apud SILVA; MANEÁ, 2010) relata em seu livro o que pensam os pais, alunos e professores sobre indisciplina, segundo o autor os pais e os professores denominam como indisciplina, comportamentos marcados por agitação, movimentação, emissão de opinião, desobediência, recusa em fazer tarefas e etc.

Outro fator relacionado com a indisciplina tem a ver com o relacionamento familiar, pois às vezes os pais não conseguem educar seus filhos, impor as regras presentes em casa, e a criança chega na escola e não consegue seguir as regras também.

A escola e a família exercem papéis distintos no processo educativo, evidencia-se uma confusão de papéis. A principal função da família é a transmissão de valores morais às crianças. Já a escola cabe a missão de recriar e sistematizar o conhecimento histórico, social e moral (AQUINO, 1998, p. 25).

Em seu estudo Aquino, apresenta algumas hipóteses em que se classificam os alunos considerados indisciplinados, são elas: o aluno “desrespeitador”, o aluno “sem limites”, o aluno “desinteressado”. O que é preciso entender é que associar a disciplina com o trabalho pedagógico é algo equivocado, pois a disciplina é algo que o professor deve trabalhar com seu aluno no cotidiano da sala de aula para que ela realmente ocorra (AQUINO, 1998).

Para resolver os problemas de indisciplina dos alunos é necessário que exista um acordo entre ambas as partes (professor-aluno). Para a transmissão do conhecimento e o controle disciplinar, conforme Parrat-Dayan (2009 apud RIBEIRO; DOPP, 2014), é necessário o professor procurar compreender qual a sua tarefa ou função em sala; fazer com que o aluno obtenha aprendizado através do seu próprio comportamento; ter muita atenção no momento de definir como será a proposta a se transmitir em sala de aula.

1.4.3 Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade

Outra questão que traz o conceito de agitação está voltado para os alunos que podem ser considerados hiperativos. Os estereótipos são bastante comuns: alunos agitados não aprendem, não concentram, tiram notas baixas, porque enquanto o professor está explicando, ele está bagunçando ou prestando atenção em outra coisa. E entra a seguinte pergunta: qual a diferença entre um aluno agitado e um aluno hiperativo?

Para complementar o estudo sobre agitação é preciso entender a diferença entre crianças agitadas e crianças com TDAH, aparentemente são termos que podem se complementar, crianças agitadas não necessariamente precisam ter TDAH.

Historicamente os estudos que resultaram até a definição do transtorno, começaram na década de 1940 após a segunda guerra mundial, quando médicos evidenciaram que danos no Sistema Nervoso Central (SNC) poderiam causar: desatenção, inquietação e impaciência, isso

ficou conhecido como lesão cerebral mínima (BENCZIK, 2000 apud PARAIZO, 2010).

Em 1957 é estruturado pela medicina o conceito de lesão cerebral mínima, mas o conceito não seria definitivo por muito tempo, pois em 1962 os especialistas da área sobre a lesão cerebral mínima fazem um simpósio no qual ficou comprovado que não existia a lesão cerebral mínima. Diante disso a conclusão que chegaram foi que o quadro passaria a ser chamado como Disfunção Cerebral Mínima (DCM).

A DCM possui as seguintes manifestações clínicas: hiperatividade, agressividade, distúrbio de aprendizagem, de linguagem, falta de coordenação motora, déficit de concentração, instabilidade de humor, baixa tolerância à frustração, entre outros menos comuns. Disfunção significava alteração na função sem correspondência anatômica (COLLARES; MOYSÉS, 1992).

Na década de 1960, surgiu a necessidade de se caracterizar a síndrome de uma forma mais funcional. A hiperatividade foi caracterizada como síndrome de conduta, cujo sintoma principal era a atividade motora excessiva. O DSM-II – Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais denominou: “Reação Hiperkinética” e o CID-9, nos anos 1970, utilizou o termo “Síndrome Hiperkinética” (BENCZIK, 2000 apud PARAIZO, 2010).

Mesmo com muitos estudos sobre a síndrome, o diagnóstico era ainda impreciso, haviam impasses sobre os sintomas e como categorizar. Em 1993, o CID-10 manteve semelhante classificação: Transtornos Hiperkinéticos. E em 1994, o DSM-IV – Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (APA) alterou a nomenclatura para Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade, dando mesmo peso a dois grupos de sintomas para diagnóstico: a) desatenção e b) hiperatividade/ impulsividade (BENCZIK, 2000 apud PARAIZO, 2010).

Após todo esse processo, a síndrome ficou conhecida como a que conhecemos atualmente, ainda existem estudos para se chegar a uma causa precisa do que causa a síndrome, pois existem diferentes agentes que podem ser considerados para a manifestação do TDAH em crianças.

O TDAH é um transtorno de "base orgânica", associado a uma disfunção em áreas do córtex cerebral, conhecida como Lobo Pré-Frontal. Quando seu funcionamento está comprometido ocorrem dificuldade em concentração, memória, hiperatividade e impulsividade. As pessoas com TDAH têm dificuldade de manter a concentração, costumam ser agitadas e terem problemas para fazer coisas até o fim (Déficit de Atenção – TDAH, 2015).

Goldstein e Goldstein (1998) descrevem quatro características de uma pessoa hiperativa segundo o senso comum: 1- desatenção e distração; 2- superexcitação e atividade excessiva (tendência a se mostrar mais agitado e ativo em excesso, prejudicando sua concentração.) 3- impulsividade, 4- dificuldades em lidar com frustrações (SISTO; BORUCHOVITCH; FINI, 2007, p. 85-86).

O diagnóstico começa com uma consulta onde serão analisados alguns aspectos do comportamento, em seguida é preciso fazer alguns exames, onde são analisadas as características do comportamento da criança. O diagnóstico dessa síndrome é bem demorado pois como na maioria dos casos é preciso fazer uso de medicação, é preciso ter certeza do que realmente a criança tem. É comum muitas escolas indicarem aos pais das crianças que possuem mal comportamento ou baixo rendimento acompanhado de um mal comportamento que procurem um especialista para diagnosticar se a criança tem alguma síndrome.

O tratamento é realizado da seguinte forma: um bom tratamento inclui ações voltadas para o alívio de curto prazo dos sintomas, possibilitado pelo uso de medicamentos, bem como intervenções psicoterapêuticas e de treinamento, que podem garantir mudanças mais consistentes e de longo prazo.

O tratamento com medicação para TDAH mais comum é feito com psicoestimulantes, que são os remédios mais utilizados para déficit de atenção e hiperatividade, no Brasil são Ritalina e Concerta as marcas mais conhecidas.

O metilfenidato (Ritalina ou Concerta) é uma droga que pode funcionar bem como alternativa de curto prazo - seus efeitos normalmente aparecem rapidamente. A Ritalina existe na versão de liberação imediata - Ritalina 10mg, com efeitos que duram apenas 4 horas, o que torna necessário tomar o remédio duas ou mais vezes por dia. Há também algumas outras formulações com liberação lenta (de longa duração) como Ritalina LA ou Concerta, que podem durar entre 6 e 8 horas.

Atualmente existem outras formas de tratamento para reduzir o uso de medicamentos, são tratamentos auxiliares para manter uma baixa dosagem de medicação, são eles: Psicoterapia Comportamental Cognitiva para TDAH, *neurofeedbacks*, *Coaching Comportamental* para TDAH (mais utilizados em adultos).

Existe uma grande divisão de opiniões sobre a questão da medicalização infantil e o TDAH, alguns especialistas acreditam que exista um exagero por parte de muitas que fazem uso da medicação, pois a sociedade quer um padrão de normalidade, um padrão de comportamento.

Nos últimos anos foi constatado um elevado aumento nos índices de pessoas que passaram a tomar ritalina ou algum outro medicamento para a síndrome, não é somente a escola ou a sociedade que ganham com o tratamento para esses casos,mas também a industria farmacêutica.

No ambiente escolar é necessário que os professores estejam atentos a como trabalhar com essas crianças. Sanseverino (2005 apud BONOTO; ANSAI, 2008) informa que a criança hiperativa precisa de cuidados diferenciados em sala de aula e para isso o professor deve observar algumas regras, tais como: a criança deve sentar-se na primeira carteira, mais próxima possível do professor; longe da janela e na frente dos colegas, tirar da sala objetos que possam distrair o aluno e intervalo entre as atividades.

A família também deve estar atenta a como trabalhar a rotina em casa com essa criança, fazer um acompanhamento das atividades realizadas, que ela seja estimulada em casa a prestar mais atenção a controlar seus movimentos. Os pais também precisam aprender a lidar com o TDAH para poder dar suporte ao desenvolvimento social e de aprendizagem (BONOTO; ANSAI, 2008).

1.5 Dificuldades de aprendizagem

Dentro do ambiente escolar é possível observar a preocupação que alguns educadores demonstram em relação a aprendizagem dos seus alunos. Vários fatores podem interferir no processo de aprendizagem, entre eles o destaque para o TDAH e para a agitação que alguns alunos tem em seu comportamento.

No livro *Dificuldades no contexto psicopedagógico*, a autora Gislene de Campos Oliveira mostra algumas concepções de como esses fatores interferem no ambiente escolar, tem como estudo o não aprender das crianças, e buscar entender as causas do não aprender e como ajudar pais e professores a ajudarem essas crianças, sem precisar encaminhar para um psicólogo ou outro tipo de médico para encontrar causas para a dificuldade de aprendizagem.

Existem muitos outros motivos que prejudicam o aprender, como currículos e metodologias inadequadas, relacionamentos professor-aluno conturbado, fatores afetivos-emocionais (CAMPOS OLIVEIRA, 2007, apud SISTO; BORUCHOVITCH; FINI, p. 92).

As referências a questão das dificuldades de aprendizagem surgiu pela necessidade que houve de explicar o fracasso escolar de crianças que pertenciam a grupos sociais de classes altas (SISTO; BORUCHOVITCH; FINI, 2007, p. 23).

A realidade das crianças muitas vezes acaba interferindo no seu processo de aprendizagem, é apresentado três distúrbios que podem interferir na aprendizagem das crianças. São eles: comportamento social inadequado, quando se fala desse tipo de criança os pais e professores acabam se referindo àquele tipo de criança agressiva, ou sem limite, aquela que perturba o andamento da sala de aula (que é considerado o aluno agitado). As crianças consideradas sem limites não conseguem respeitar o espaço do outro, o ambiente à sua volta, e acham que podem fazer o que quiser e quando quiser.

Essas são algumas das denominações apresentadas no capítulo: Dificuldades subjacentes ao não-aprender, relacionados ao não aprender dos alunos, são elas: Distúrbio da memória e déficit de atenção: são as crianças que nunca lembram onde estão as coisas, não gravam fatos importantes, trocam sons das letras, confundem a escrita, etc. Como citado anteriormente, as crianças que são consideradas com Déficit de atenção acabam por serem categorizadas com outros transtornos, como hiperatividade instabilidade, pois são termos que acabam sendo associados uns com os outros. A instabilidade é diferente da hiperatividade, embora estes dois termos sejam considerados por muitos como sinônimos (CAMPOS OLIVEIRA, 2007 apud SISTO; BORUCHOVITCH; FINI, p. 85).

Muitas vezes o que o senso comum chama de hiperatividade pode significar muitas coisas, por exemplo: uma instabilidade psicomotora provocada por frustrações, ansiedade, por protesto, por fuga (CAMPOS OLIVEIRA, 2007, apud SISTO; BORUCHOVITCH; FINI, p. 85)

Dificuldades psicomotoras: as dificuldades de aprendizagem em crianças são causadas por problemas específicos, que muitas vezes podem ser resolvidos se forem realizadas atividades que trabalhem as faltas nessas crianças. São dificuldade motoras por exemplo: falta de coordenação motora fina, que prejudica principalmente a escrita, recortar, apagar, vestir-se etc. A falta da coordenação global pode provocar instabilidade para correr, falta de equilíbrio, entre outros aspectos relacionados ao movimento.

Diante de todas as síndromes que podem comprometer a aprendizagem é necessário que os educadores sejam capazes de trabalhar com essas crianças em sala de aula, e

desenvolver atividades que possam ajudar nas suas dificuldades, para que possa promover o desenvolvimento do aluno dentro da sua particularidade. É importante que os pais e professores trabalhem em conjunto para que possam se auxiliar e ajudar a criança.

Compete á família promover um ambiente sadio para a criança e compete ao professor compreender melhor o aluno mesmo que este tenha alguns comportamentos inadequados e criar estratégias para promover uma aprendizagem escolar eficiente (CAMPOS OLIVEIRA, 2007 apud SISTO; BORUCHOVITCH; FINI, p. 94).

De acordo com as ideias apresentadas que são relacionadas ao não aprender das crianças, buscou-se mostrar como determinadas síndromes e seus efeitos, afetam não só nos movimentos, mas também no aspecto cognitivo e na aprendizagem dos alunos.

É importante destacar também que professores devem estar atentos para as necessidades que seus alunos demonstram em sala de aula, pois mesmo aqueles alunos que não possuem síndrome podem apresentar dificuldade de aprendizagem por outros motivos, como citado anteriormente, até a falta de limite/regras pode interferir no comportamento que o aluno apresenta no contexto escolar, e isso se reflete em sua aprendizagem.

A partir das questões teóricas levantadas até agora, os próximos capítulos relatam o trabalho empírico que foi realizado com professores da educação infantil e séries iniciais. O campo concreto possibilitou evidências de algumas realidades discursivas e relacionais do contexto escolar, principalmente em relação ao olhar que o professor tem sobre seu aluno e sua aprendizagem e a qualidade dos significados acerca dos alunos que são posicionados como agitados.

CAPÍTULO 2 – METODOLOGIA

A metodologia da pesquisa foi realizada com base nos estudos de base qualitativa. O estudo de natureza qualitativa tem como foco a parte social da pesquisa, onde é analisado determinado fenômeno, no caso o fenômeno que foi estudado é o significado de agitação dos alunos por professores de educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental. Para entender o fenômeno e construir resultados, sob a ótica de uma pesquisa social, é preciso observar alguns pontos, como: a organização da parte descritiva das informações, dar importância para o ambiente onde se insere o fenômeno, e utilizar de um estudo para determinar as informações empíricas (GODOY, 1995; GUNTHER, 2006; MINAYO, 2010; OLIVEIRA, A. A., 2010; OLIVEIRA, M. K., 2010).

Os procedimentos foram concebidos e realizados dentro de uma perspectiva qualitativa na medida em que os resultados são analisados e interpretados como forma de compreensão dos processos sociais junto ao estudo teórico realizado. Foi realizado, como instrumento principal, uma entrevista semiestruturada com dez professoras participantes. Porém, antes, foi aplicado um questionário para levantar informações mais objetivas para fins de caracterizar os próprios participantes e suas opiniões iniciais no contexto estudado.

2.1 Objetivos

2.1.1 Objetivo geral

Investigar se existe uma relação entre o comportamento dos alunos e sua aprendizagem em sala, como que acontece esse processo, e como o professor pode fazer uma intervenção de forma a ajudar na aprendizagem dos alunos considerados “agitados”.

2.1.2 Objetivos específicos

- Analisar os significados de um aluno agitado para o professor, priorizando como este caracteriza tal comportamento e avalia a aprendizagem desses alunos;
- Entender como as crianças agitadas aprendem, diferenciando agitação de TDAH e outras dificuldades de aprendizagem; e

- Contribuir como trabalhar com alunos agitados e propor atividades em sala de aula.

2.2 Contexto da pesquisa

A escola onde a pesquisa foi realizada é de natureza confessional e privado, localizado em área residencial na cidade do Guará. Atende a crianças desde o maternal até o terceiro ano do ensino médio. Os 650 alunos são oriundos das diferentes classes socioeconômicas, organizados em dois turnos (matutino e vespertino) nas seguintes turmas: duas turmas de maternal, duas turmas de jardim I, duas turmas de jardim II, quatro turmas de primeiros anos, quatro turmas de segundos anos, três turmas terceiro de ano, quatro turmas de quartos anos e quatro turmas de quintos anos. A escola conta com ampla área em que estão localizados os três prédios principais: a sede, onde funcionam as turmas de Ensino Fundamental 2 e Ensino Médio; o denominado núcleo I, onde funcionam as turmas desde o maternal até o quinto ano; e o núcleo social que atende crianças carentes e onde também funcionam algumas turmas de Educação Infantil: jardim I e jardim II.

A equipe pedagógica é formada por 30 professores, que são divididos entre os professores das aulas específicas que são: *ballet*, judô, educação física, inglês, artes, música e ensino religioso, com a diferença de que as aulas de Ensino Religioso são somente para o Ensino Fundamental 1, e as aulas de inglês para a Educação Infantil é a partir do Jardim I. A equipe de gestão da escola conta com um representante da congregação mantenedora, que é um padre, a diretora, a auxiliar pedagógica e a orientadora. Como são duas sedes a diretora fica mais tempo na sede do ensino médio, e somente nos dias de coordenação dos professores vai ao núcleo I. Geralmente, comparece aos eventos da escola. O padre está presente semanalmente à escola conferindo questões de manutenção e infraestrutura, despacha com a diretora etc.

Como a gestão da escola passou por algumas modificações, não há mais a coordenadora no núcleo I. Então, a auxiliar pedagógica fica responsável por resolver pequenos problemas, auxiliar os professores nas suas coordenações, olhar os planejamentos etc. Atualmente, e levando em conta os cargos previstos para a escola, a equipe de gestão está organizada conforme expresso no Quadro 1, a seguir.

Quadro 1 – Constituição da gestão da escola.

Cargo	Tem	Não Tem
Diretor geral	X	
Diretora pedagógica	X	
Vice diretora		X
Secretario escolar	X	
Supervisor pedagógico		X
Supervisor administrativo		X
Auxiliar de coordenação	X	
Orientador educacional	X	
Serviço de Atendimento ao Educando (SAE)	X	
Disciplinadora	X	

Fonte: Da autora.

O serviço de orientação educacional é oferecido a todos os alunos, são feitas reuniões com os professores e, à medida que vão surgindo alguns problemas familiares ou questões referentes à aprendizagem que interferem no desempenho escolar do aluno, os pais são chamados à escola para uma reunião com a orientadora e o professor do aluno. Portanto, a orientadora está presente todos os dias em ambos os turnos, regularmente está atendendo às famílias e fazendo coordenação pedagógica com os professores.

Os alunos também contam com aulas gratuitas de reforço. Os alunos com baixo desempenho nos testes do primeiro bimestre são encaminhados às aulas de reforço no horário contrário das aulas regulares.

2.3 Sujeitos participantes

Tendo em vista que o trabalho empírico contou com duas fases, nem todos os sujeitos da primeira, participaram da segunda. Na primeira fase, responderam ao questionário sócio demográfico e diagnóstico catorze professoras. A segunda fase da pesquisa se caracterizou pela realização de uma entrevista individual e contou com a participação espontânea de dez professoras.

Para efeitos da pré-análise e construção dos resultados, as participantes foram identificadas por números de acordo com a ordem de realização dos procedimentos, sem classificação prévia. A Tabela 1, a seguir, apresenta a caracterização geral das participantes

conforme levantamento realizado pela ficha de informações na primeira fase da pesquisa.

Tabela 1 – Dados das participantes.

Participante	7. Idade	11. Tempo de docência	14. Tempo na escola pesquisada (efetiva)	16. Ano que leciona na EF1 atualmente	17. Ano que leciona no EF2/EM atualmente	18. Período que leciona na EI atualmente	19.1 Formação: Curso 1	19.2 Formação: Curso 2	19.3 Formação: Curso 3
1	33	10	9	4			Contabilidade	Pedagogia	Pós em Psicopedagogia
2*	41	8	12	4 e 5	6 e 7		Magistério	Geografia	Pós em Psicopedagogia
3*	33	7	7	2			Pedagogia		
4	34	9	7	1			Pedagogia		
5	52	32	32	5			Magistério	Pedagogia	
6	33	13	4			Jardim 1	Pedagogia		Pós em Psicopedagogia
7	35	18	6			Jardim 2	Pedagogia		
8*	25	7	2 meses			Maternal 2	Pedagogia	letras	
9	40	20	20	3	6 e 7		Magistério	Sociologia	Orientação educacional
10	44	27	6	1			Magistério	Pedagogia	
11	23	3 meses	3			Jardim 1	Pedagogia		
			como auxiliar						
12	30	10	3			Jardim 2	Pedagogia		
13	30		3			Maternal 2	Letras		Filosofia
14*	26	1	1	4 e 5			Pedagogia		

Onde: * Participaram somente da primeira fase.

Fonte: Da autora.

Todos os sujeitos participantes da pesquisa foram mulheres, entre 23 e 44 anos, sendo seis de Educação Infantil e sete do Ensino Fundamental. Assim, estiveram representadas todas as séries escolares, desde o maternal até o quinto ano.

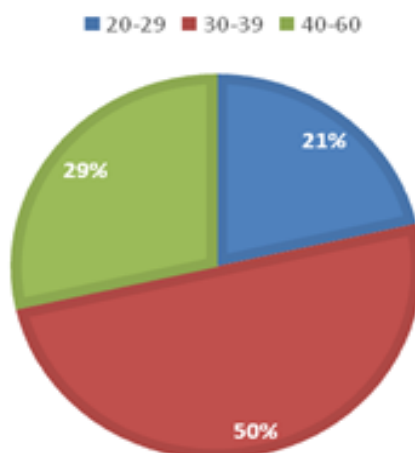


Gráfico 1 – Idade dos participantes.

Fonte: Da autora.

Quanto à formação profissional, as participantes possuem formação em Magistério (nível médio), Pedagogia, Filosofia, Geografia, Contabilidade, Sociologia e Letras, sendo que quatro têm pós-graduação (Psicopedagogia e Orientação Educacional). Cabe ressaltar que todos os que tinham magistério fizeram, também, curso de graduação, em Pedagogia ou alguma outra licenciatura. O sujeito que tinha como formação inicial Contabilidade graduou-se também em Pedagogia e fez pós-graduação em Psicopedagogia.



Gráfico 2 – Formação profissional.

Fonte: Da autora.

Em vista da idade diversificada do corpo docente, os sujeitos participantes também têm tempo variado de experiência docente. Entre eles, havia desde três meses à 32 anos de trabalho. É interessante observar que, a pessoa que tem maior tempo de docência, fez toda sua carreira profissional na mesma escola em que foi realizada a pesquisa. A equipe é relativamente nova, sendo que a grande maioria tem menos de 10 anos na instituição, enquanto apenas três pessoas estão há mais de 10 anos.

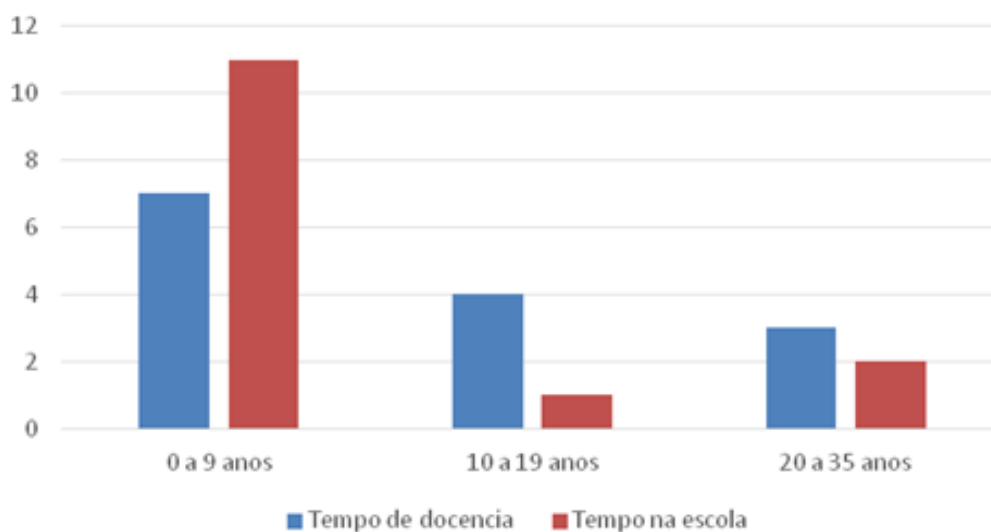


Gráfico 3 – Experiência docente.

Fonte: Da autora.

A segunda fase, em que foi realizada a entrevista individual, contou com a participação de 10 professoras como foi dito anteriormente, sendo que, com exceção do segundo ano, todos os outros anos estiveram representados. Entre elas, participaram a professora mais nova e a mais velha em idade e tempo de docência. Também participou a que teve formação inicial em contabilidade e as quatro que fizeram pós-graduação.

2.4 Procedimentos e instrumentos

Como mencionado anteriormente, o estudo contou com duas fases, que foram realizadas ao longo de dois meses, de fevereiro a fim de março.

A estudo de campo observou os procedimentos formais e éticos da pesquisa com seres humanos. No primeiro momento foi realizado o contato com a direção da escola mediante a carta de encaminhamento e projeto da pesquisa (vide Anexo “A”) e com as professoras que participaram dos procedimentos empíricos. Foi entregue o questionário sócio demográfico, algumas professoras preencheram imediatamente, outras levaram para casa. A totalidade dos questionários distribuídos levou duas semanas para ser devolvida à pesquisadora. Cabe ressaltar que todas as 14 participantes responderam ao questionário. O questionário (vide Apêndice “A”) foi estruturado com informações pessoais e de formação e, por se tratar de um estudo transversal, com questões acerca da caracterização da turma em que estava atuando naquele momento, como aprendizagem característica da faixa etária, competências

acadêmicas que o aluno precisa desenvolver no ano em curso e desafios e demandas educacionais da turma.

Na segunda parte da pesquisa, foram realizadas as entrevistas individuais mediante assinatura o termo de consentimento livre e esclarecido. Dez professoras participaram dessa etapa. Foi formulado um roteiro semiestruturado com 12 questões construídas a partir dos objetivos e a partir da análise inicial das respostas elencadas no questionário sócio demográfico. As questões priorizaram situações que dessem visibilidade aos significados que as professoras atribuem à agitação das crianças em sala de aula. A última questão foi de múltipla escolha, em que a entrevistada deveria escolher opções (adjetivos) que melhor caracterizavam o comportamento dos alunos considerados agitados pelos professores. As entrevistas foram gravadas em áudio e posteriormente transcritas.

O Quadro 2, a seguir, sintetiza os procedimentos e instrumentos utilizados no estudo empírico e sua relação com os objetivos propostos.

Quadro 2 – Síntese dos procedimentos empíricos.

Objetivo	Procedimentos metodológicos	Instrumentos empíricos
Objetivo geral – Investigar a relação entre o comportamento dos alunos e sua aprendizagem em sala, como que acontece esse processo, e como o professor pode fazer uma intervenção de forma a ajudar na aprendizagem dos alunos considerados “agitados”.	-	-
Objetivo específico – Compreender o que é para o professor um aluno agitado: como se comportam esses alunos na rotina escolar.	Questionário e entrevista.	Escolher dois ou três professores para análise integral e aprofundada do conteúdo.
Objetivo específico – Entender como as crianças agitadas aprendem, como são realizadas as atividades em sala de aula, como que são avaliados esses alunos.	Entrevista.	Análise comparativa e transversal entre os diferentes períodos e anos.
Objetivo específico – Como o professor deve trabalhar com alunos agitados mas, que não possuem TDAH e que possuem dificuldades de concentração e aprendizagem.	Entrevista.	Identificação de práticas pedagógicas – relacionar.

Fonte: Da autora.

O questionário da pesquisa foi composto por perguntas semiestruturadas que possibilitou obter maiores informações sobre a realidade da sala de aula de cada professor e também sobre o trabalho por elas realizado, sobre a temática que estava sendo pesquisada, como as participantes se portaram durante a entrevista que foi gravada em áudio. Para a colaboração dos participantes de uma pesquisa é necessário saber alguns dos seus dados como: nível de formação, histórico profissional, cursos complementares entre outras perguntas que possam ser feitas pelo entrevistador como forma de um primeiro contato com os participantes da pesquisa. Finalizou com a questão em que os participantes tinham que classificar por ordem de importância 11 qualificativos que caracterizam o aluno agitado.

O questionário para a pesquisa foi estruturado com 12 perguntas, onde as participantes caracterizaram sua turma e o comportamento dos seus alunos, como ocorre a aprendizagem das crianças, seus anseios em relação ao trabalho desenvolvido em sala de aula. Foi perguntado para as participantes se em suas salas havia algum aluno que elas consideravam agitados ou se já havia trabalhado com algum aluno que poderia ser caracterizado assim. Como é o relacionamento desse aluno, seu comportamento em sala, sua rotina, como realiza as atividades propostas, e como elas trabalham com esse aluno, se é necessário ter alguma mudança no planejamento etc. Outra pergunta e o que diferencia os alunos agitados dos alunos que são diagnosticados com TDAH. Na última questão correspondeu ao item que as professoras tinham 11 itens que foram palavras que podem caracterizar o comportamento de alunos considerados agitados. As professoras ordenando os itens de acordo com a sua relevância.

2.5 Procedimentos de análise

Para realizar análise dos dados foi utilizada como referência o texto de Minayo (2010) que apresenta algumas possibilidades de como fazer uma análise em pesquisa qualitativa.

No primeiro momento da análise é necessário observar as respostas que cada participante deu para as mesmas questões envolvidas, porque é preciso estabelecer que há duas categorias na pesquisa: existem as participantes do ensino infantil e as participantes do ensino fundamental. Como são vivências diferentes é necessário fazer um parâmetro para as respostas. Minayo (2010) destaca que existem três desafios para se conseguir uma análise eficiente dos dados, são eles: a ilusão do pesquisador, esquecer os significados da pesquisa e articular as conclusões.

Como a última parte da entrevista foi uma pergunta de múltipla escolha é necessário fazer uma análise dos pontos assinalados com a definição utilizada no referencial teórico para estabelecer parâmetros entre uma criança agitada e uma criança hiperativa.

Ao analisarmos as respostas é preciso ter em vista se eles são necessários para conseguirmos responder as perguntas iniciais que levaram a proposta da pesquisa e conclusão que chegará após os estudos realizados e os dados coletados. Na fase da análise, Minayo (2010, p. 69) apresenta três finalidades: “estabelecer uma compreensão dos dados coletados, confirmar ou não os pressupostos da pesquisa, responder as questões formuladas e ampliar o conhecimento sobre o assunto pesquisado.” No caso da temática em questão o estudo visa não só responder as questões que surgiram da temática, como também ampliar o campo de estudo da área levando em consideração que essa temática possui poucos estudos.

Na primeira fase da pesquisa, em que foi aplicada uma ficha com questionário sociodemográfico e três perguntas abertas, a organização das informações empíricas, foi realizada uma pré-análise que consistiu na organização das informações empíricas em tabelas e quadros em planilha *Microsoft Excel* para a geração de gráficos. Primeiramente, houve a construção da caracterização dos sujeitos (questões de 1 a 19) que integrou o capítulo de metodologia. Posteriormente, as questões abertas (questões de 20 a 22) foram dispostas em tabelas de acordo com cada questão e organizadas por participante por ordem crescente. Ou seja, houve uma categorização temática das questões abertas.

Na segunda fase da pesquisa, em que foram realizadas as entrevistas individuais, a pré-análise das informações obtidas na entrevista seguiu a seguinte estratégia: as 12 questões foram agrupadas de acordo com os objetivos específicos da pesquisa e classificadas de acordo com os níveis de atuação (séries) das professoras participantes, conforme apresentado no Quadro 3, a seguir.

Quadro 3 – Síntese dos objetivos

Objetivo	Educação Infantil	1º. E 3º. Ano EF	4º. E 5º. Ano EF
Objetivo 1	Questões analisadas 1, 2, 3, 4, 5, 9, 10 e 12.		
Objetivo 2	Questões analisadas 6 e 7.		
Objetivo 3	Questões 8 e 11.		

Fonte: Da autora.

CAPÍTULO 3 – RESULTADOS: O QUE APRENDER DE NOVO

Os resultados foram organizados de acordo com as etapas em que foram realizadas as ações da pesquisa empírica. As etapas estão separadas de acordo com os três objetivos específicos, contendo, cada um, a sistematização dos resultados. Em seguida aos resultados obtidos com as entrevistas realizadas, foram elencados com o referencial teórico estudado para dar visibilidade às questões problematizadoras para, finalmente, subsidiar considerações sobre como os professores significam o conceito de agitação e o significado desse termo enquanto ideia e conceito que pode mediar as interações, o estabelecimento de relações sociais e as práticas pedagógicas específicas na sala de aula.

No primeiro momento estão dispostas as respostas que as professoras responderam na ficha sociodemográfica com a opinião de cada uma sobre sua turma e como ocorre a aprendizagem dos alunos. No segundo momento foi elaborado um resumo das falas das entrevistas, sobre o tema do estudo: agitação. No terceiro momento para finalizar o capítulo, é apresentado as conclusões sobre a pesquisada realizada e os resultados que podem ser retirados do estudo.

3.1 Momento I : conhecendo as professoras, suas opiniões e seu trabalho

Aqui apresentamos os resultados das três questões abertas da ficha sociodemográficas preenchidas para subsidiar a caracterização dos participantes. Em todas as três, as professoras participantes eram solicitadas a listar pelo menos três características ou conceitos referentes às características da aprendizagem das crianças do ano em que estava atuando; às competências acadêmicas que essas crianças precisam desenvolver; e às demandas/desafios da turma atual.

Foi elaborada um quadro com as respostas de cada participante para cada questão do questionário (ficha). Dentre as respostas, identificamos quatro categorias principais para relacionar as ideias dos diferentes professores acerca do que eles consideram características da aprendizagem da criança do seu ano escolar, competências acadêmicas e demandas da turma. Cada categoria foi identificada, na tabela, por uma cor diferente. São elas:

- Características relacionadas a aprendizagem dos sistemas notacionais (linguístico e matemático) e de construção do conhecimento [cor rosa];
- Características relacionadas a psicomotricidade [cor azul];
- Características relacionadas aos processos de socialização, interação interpessoal,

valores sociais [cor laranja]; e

- Características relacionadas às questões da subjetividade [cor verde].

3.1.1 Principais características da aprendizagem do(a) aluno(a) do ano em que você está atuando

Em nossa primeira aproximação às três questões abertas, foi possível observar que as professoras enfocaram mais no currículo, enfatizando o que precisa ser trabalhado no decorrer do ano e das habilidades que as crianças devem desenvolver. Interessantemente, as respostas não apresentaram características do processo de aprendizagem e nenhum conceito de indicação de como os alunos aprendem.

É possível entender através do quadro que a maior preocupação das professoras é sobre o que os alunos precisam aprender, mas não há uma relação de como elas percebem essa aprendizagem.

Quadro 4 – Características da aprendizagem.

Participante	Primeira Característica	Segunda Característica	Terceira Característica
1	Saber ler, escrever, interpretar com facilidade.	Conhecer a aprender a tabuada, as quatro operações.	Diferenciar em uma situação qual operação usar.
2	Muita dificuldade na leitura e na escrita.	Omissões e trocas de fonemas.	Dificuldades no desenvolvimento das operações matemáticas.
3	Relacionar fala e escrita.	Atitudes de integração e colaboração.	Posicionar de maneira crítica e responsável e construtiva.
4	Leitura.	Escrita.	Interpretação de textos.
5	Compreender a cidadania.	Posicionar de maneira crítica, responsável e construtiva.	Perceber- se agente transformador do ambiente.
6	Delimitação da pintura.	Traçado das vogais.	Formas geométricas, numerais, etc.
7	Atenção.	Participação.	Auto- estima.
8	Conversas em roda.	Atividades de escrita.	Atividades de psicomotricidade.
9	Partir da motivação por jogos, dinâmicas etc.	Leitura compartilhada.	Interpretação de textos e as quatro operações.
10	Ler, escrever, colorir.	Resolver operações de adição e subtração.	Hábitos de atitudes.
11			

12	Ludicidade.		
13	Coordenação motora grossa/fina.	Adaptação.	Socialização.
14	Dificuldades de interpretação de textos.	Leitura e escrita.	

Fonte: Da autora.

3.1.2 Principais competências acadêmicas que o(a) aluno(a) do ano em que você está atuando precisa desenvolver

Como pode ser observado, as respostas estão parecidas com a questão anterior. O que mostra que as professoras acabaram confundindo as perguntas, sobre o que é aprendizagem e o que os alunos precisam aprender. Isso pode sinalizar que as professoras podem não estar atentas às questões de aprendizagem dos alunos, e sim, aos itens curriculares que elas devem cumprir.

Quadro 5 – Competências a serem desenvolvidas.

Participante	Primeiro conceito	Segundo conceito	Terceiro conceito
1	Desenvolver mais habilidades com a tabuada (as quatro operações).	Ler e interpretar textos.	Escrever corretamente (textos, produções etc.).
2	Aprimorar a leitura e a interpretação.	Desenvolver a fluência verbal e a oratória.	Estimular as atividades cognitivas (raciocínio lógico).
3	Desenvolver atitudes de interação, colaboração.	Expressar-se oralmente com clareza e objetividade.	Respeitar as diferenças.
4	Desenvolver a coordenação motora.	Estimular a atenção e concentração.	Desenvolver a leitura e a escrita.
5	Identificar conceitos de mudanças.	Sentir-se estimulado ao conhecimento.	Colaborar e participar nas atividades em grupo.
6	Desenvolver a coordenação motora.	Socialização.	Visualização de vogais, formas geométricas etc.
7	Hábitos e atitudes.		Coordenação motora fina e grossa, sensório-motor.
8	Reconhecimento de letras e números.	Conceitos matemáticos.	Relações Interpessoais.
9	Leitura e interpretação de textos.	Domínio das operações matemáticas.	

10	Identificar letras do alfabeto.	Compreender a relação fonema/grafema.	Desenvolver habilidades orais e escritas.
11	Tornar se autônomo.	Identificar o próprio nome.	Raciocínio lógico, percepção etc.
12	Distinguir e reconhecer os números, formas geométricas etc.	Diferenciar letras cursivas maiúsculas e minúsculas.	
13	Reconhecer o nome, cores e formas.	Socialização.	
14	Desenvolver o hábito de estudar e ler livros.		

Fonte: Da autora.

3.1.3 Principais demandas/desafios da sua turma atual (disciplina/comportamento; aprendizagem; relações interpessoais)

Nota-se no último quadro que as professoras da pesquisa se preocupam com a aprendizagem dos seus alunos, no sentido de ver as dificuldades que os alunos possuem em aprender as disciplinas, principalmente português e matemática. Outro dado importante que as professoras demonstram é a questão de trabalhar valores com seus alunos, pois elas sentem uma falta de participação da família que geralmente é quem faz essa parte de trabalhar valores, como respeito, ajuda ao próximo etc. E também trabalhar a disciplina dos alunos, seu comportamento em sala, e a questão do *bullying*.

Quadro 6 – Definindo comportamentos.

Participante	Primeiro conceito	Segundo conceito	Terceiro conceito
1	Matemática.	Língua Portuguesa.	
2	Controlar a disciplina e comportamento.	Conscientização sobre o <i>Bullying</i> .	
3	Concentração.	Prática de leitura e escrita	Trabalhar a disciplina.
4	Socialização e interação.	Respeito as regras de convivência.	
5	Interagir-se das novidades científicas.	Compreender e realizar projetos com sugestões sociais.	
6	Disciplina/Comportamento.		
7	Disciplina.	Aprendizagem.	Relações interpessoais.
8	Concentração.		

9	Trabalhar valores e regras.	Relações interpessoais.	Dedicação e compromisso com os estudos.
10	Disciplina.	Coordenação motora fina.	
11	Disciplina/ comportamento.		
12	Socialização dos alunos.		
13	Divisão de brinquedos.	Agressividade.	Disciplina.
14	Respeito ao próximo.	Ansiedade.	Comprometimento.

Fonte: Da autora.

a) Professoras da educação infantil

As professoras da educação infantil trabalham bastante com a coordenação motora dos alunos, tendo em vista que os alunos precisam desenvolver as habilidades como cortar, desenhar, noção de limite etc. Para isso as professoras utilizam bastante a ludicidade, objetos para chamar a atenção dos alunos em sala durante as atividades. Como fica evidente nas tabelas apresentadas o que as professoras se preocupam com o conteúdo, como: ludicidade, formas geométrica, reconhecimento das letras e do seu próprio, e a socialização, pois muitos alunos são a primeira vez que frequentam a escola, principalmente alunos do jardim I ou maternal.

b) Professoras de 1º. a 3º. Ano

As professoras dos alunos dessas séries, já demonstram uma maior preocupação em relação ao conteúdo, o foco das professoras do primeiro ano, é alfabetizar os alunos, que precisam chegar ao final do ano sabendo ler e escrever, é possível ver a aprendizagem desses alunos através das atividades que envolvem a leitura e a escrita. Mas que passou despercebida no preenchimento das fichas pelas professoras. No terceiro ano também vemos essa mesma preocupação em relação aos conteúdos que devem ser ensinados, como: português e matemática. As professoras ensinam e apresentam bastante cuidado em como ensinar, mas esquecem de saber se seus alunos aprenderam, pois não é somente através de testes/provas que é possível notar a aprendizagem dos alunos.

c) Professoras de 4º. a 5º.

Assim como todas as outras professoras, as professoras desse segmento também se preocupam muito com o conteúdo que os alunos precisam aprender. E não conseguem informar como seus alunos aprendem, se baseiam para verificar a aprendizagem através dos testes e provas, que são as atividades que os alunos fazem sem ajuda delas ou de um colega. É possível notar também a preocupação em relação ao comportamento dos alunos, que envolve tanto a relação com o meio e também com o outro. De modo geral todas as professoras colocaram em suas respostas que precisam trabalhar a disciplina em sala de aula, desde a educação infantil até o 5º ano, o que mostra que há uma dualidade em sala de aula entre agitação e indisciplina.

É possível perceber com a análise das respostas das professoras que elas se baseiam de forma equivocada, em alguns momentos, ao analisar seus alunos e principalmente ao realizar o planejamento e execução das atividades propostas, pois como podem qualificar a aprendizagem dos seus alunos, se não conseguem entender como os mesmos aprendem?

Sobre os conteúdos que precisam ser aprendidos, pode-se observar através das tabelas que são os mesmos conteúdos que serão ensinados, só que a cada ano há uma exigência e complexidade maior entre as matérias que devem ser aprendidas. Matemática e português são os mais importantes para as professoras e elas valorizam aspectos e habilidades ligados a essas duas disciplinas. Ao mesmo tempo, são matérias que se caracterizam pelo conhecimento cumulativo e devem estar de acordo com o desenvolvimento de processos cognitivos específicos. Entretanto, não há menção aos aspectos desenvolvimentais nem de aprendizagem, apenas ao conteúdo específico a ser ensinado.

Algo que chamou bastante atenção é que independente da série em que a professora leciona, a palavra indisciplina e os valores aparecem como algo que precisa ser trabalhado pelos professores. Como apresentado no referencial a indisciplina muitas vezes é utilizada como sinônimo para o aluno agitado, e para denominar situações em que o professor não consegue ter o controle sobre sua turma/alunos.

A indisciplina e os valores como evidenciados, mostram que há uma vontade por parte das professoras de sempre terem controle sobre os movimentos dos seus alunos e também por parte da família que precisa exercer seu papel de educadora perante a sociedade, que incluem além de ensinar as crianças a seguirem regras e sempre obedecer, devem ensinar também o respeito, a obediência, entre outros valores.

As professoras relatam em trabalhar o lado social dos seus alunos, mas esquecem que isso interfere no comportamento dos mesmos, pois é preciso estar em contato com o outro

para que se estabelecem relações não só de amizade, mas também de aprendizagem, mas dentro de sala de aula o que se espera é sempre que os alunos fiquem sentados e sem interação.

Como Vygostsky traz, a interação ajuda no processo de socialização, e desenvolvimento da aprendizagem, pois esta atua na zona de desenvolvimento proximal e o social faz parte do processo de aprendizagem das crianças, Wallon ao relacionar afetividade com aprendizagem, evidencia que a emoção também possui caráter social e de integração. O que evidencia que as professoras precisam saber usar do lado social e da agitação que seus alunos possuem em sala de aula para trabalhar os conteúdos com eles, como citado no referencial, a agitação não é algo ruim, é uma mostra de que existe algo que precisa ser melhorado para que os alunos tenham e sintam a necessidade de estar atento aquilo que o professor esta falando em sala de aula.

3.2 Momento II: entrevistas

3.2.1 Definindo a agitação: uma primeira aproximação (O que é um aluno agitado para as professoras e como se comportam)

Para chegar o mais próximo possível de uma caracterização de um aluno agitado e de como é sua aprendizagem, as professoras entrevistadas marcaram os 11 itens de acordo com o seu grau de importância. Ao realizar o levantamento dos dados, é possível ver os adjetivos que apareceram com maior número de relevância de acordo com as professoras. Os adjetivos dispostos foram: calmo, comunicativo, nervoso, impaciente, inquieto, falta de concentração, desatento, variação de humor, agressividade, baixo rendimento e instável.

As palavras que tiveram maior relevância para as professoras foram: inquieto, falta de concentração, desatento, impaciente, instável, nessa ordem de importância. Com isso, é importante destacar que as professoras não consideraram o baixo rendimento, o que evidencia que alunos considerados agitados não estão relacionados ao baixo rendimento, e que nem sempre esse comportamento prejudica sua aprendizagem. O adjetivo mais marcado pelas professoras foi o inquieto, sete das dez professoras marcaram como primeiro grau de importância. Em seguida a falta de concentração que apareceu com sete marcações de importância. O terceiro adjetivo: desatento, foi marcado pelas professoras como caracterização do aluno agitado e, por último, dois adjetivos apresentaram grau de mesma

importância para as professoras, são eles: impaciente e instável.

O que chamou mais atenção nos adjetivos a serem marcados pelas professoras para caracterizar o aluno agitado, foi o adjetivo comunicativo, onde quatro professoras marcaram como importante, e três marcaram como baixa relevância. Interessante destacar que os outros adjetivos: nervoso, agressivo e calmo foram qualificativos com menos relevância e incidência do que imaginamos.

a) Professoras da Educação Infantil

Para as participantes da educação infantil da escola, elas definem de forma geral como agitação o comportamento da criança que tem dificuldades em seguir as regras de sala de aula, como: ficar sentados nos momentos que precisam, ter a devida atenção para a realização das atividades em sala, conversar fora de hora etc. De todas as participantes entrevistadas, elas relatam que em suas salas os meninos tendem a ser mais agitados. Algumas participantes também colocam que muitas vezes a ausência da família ajuda nessa agitação, sugerindo que como a criança não tem regras em casa não consegue seguir as regras na escola. Em relação aos adjetivos que usaram para definir esses alunos são: inquieto, desatento, impaciente. Todas as participantes definiram que as crianças agitadas acabam atrapalhando o andamento da turma, pois fazem com que outras crianças se dispersem, atrasam na realização das atividades.

Na sua grande maioria os meninos agitados mesmos eu acredito que seja mais uma questão de regras de convivência (professora Jardim I).

Muitos deles são agitados de inquietos mesmo, de não conseguir ficar sentado, de passar o tempo todo levantando e conversando (professora Jardim II).

b) Professoras de 1º. e 3º. Ano

As participantes desse segmento definem que um aluno agitado possuem dificuldades em controlar suas ações, muitas vezes eles sabem que estão atrapalhando, mas por algum motivo não conseguem parar. Colocam também que veem esse comportamento como uma falta de regras e limites. Algumas participantes concluem quem essa agitação faz parte do perfil da criança, que não chega a ser algo tão incontrolável, mas que a criança sente a necessidade de estar sempre em movimento. As participantes também colocam que os

meninos são mais agitados, talvez até porque as brincadeiras deles sejam mais “agressivas”, e de correr. Nos adjetivos que as participantes usaram para descrever esses alunos entre eles temos: comunicativo, impaciente, falta de concentração. Dois aspectos importantes foram colocados pelas participantes desses segmentos, o primeiro aspecto é que nem sempre um aluno agitado possui baixo rendimento, mesmo que eles atrapalhem a rotina em sala de aula. Outro aspecto é que consideram a agitação normal tendo em vista que são crianças, e que precisam de alguma forma liberar a energia que possuem.

Pra mim uma criança agitada é uma criança que não consegue ter atenção em nada que ela vai fazer (professora 1º ano).

Eu acho normal porque são crianças, e como crianças elas tem essa agitação normal (professora 3º ano).

c) Professoras de 4º. a 5º.

Como nesse segmento a questão das notas conta muito, as participantes acabam relacionando a agitação dos alunos com seu rendimento escolar. E consideram que a agitação em sala de aula, são alunos que precisam ser chamados atenção regularmente, é custoso, atrapalha a si e aos outros. E essa agitação se reflete na sua aprendizagem e nas suas notas, pois para as participantes a agitação esta associada com falta de concentração. Alunos que conversam o tempo inteiro, andam pela sala o tempo inteiro, não conseguem sentar, fazem brincadeiras fora de hora etc. Um momento que deixa os alunos agitados é a aula de educação física e o momento após a aula, as participantes sentem uma dificuldade maior em conseguir dar aula e ter controle sobre o comportamento dos alunos. As participantes definem que as meninas são mais agitadas, conversam mais, gostam de inventar pequenas intrigas.

Um aluno agitado não tem bom rendimento, às vezes ele até sabe o conteúdo, mas ele não consegue parar pra concentrar e realizar a atividade (professora 5º ano).

3.2.2 A aprendizagem dos alunos agitados (como aprendem, realizam as atividades e são avaliados; diferença de aluno agitado para aluno com Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade)

a) Professoras da Educação Infantil

Na educação infantil, algo que dá muito certo é trabalhar com alunos agitados de forma separada, as professoras acabam deixando esses alunos sentados perto delas, para que elas possam dar aula e realizar as atividades com eles, pois se deixar solto há uma grande dispersão que acaba atrapalhando as outras crianças. Consideram que essas crianças precisam de uma maior concentração para conseguir aprender o que está sendo ensinado. A aprendizagem muitas vezes ocorre de forma mais lenta que a das outras crianças por conta da falta de atenção, e é preciso reforçar sempre com essas crianças, chamar mais atenção. É preciso realizar um trabalho diferenciado com esses alunos, para que eles possam aprender. Como na educação infantil as participantes não podem dizer se as crianças possuem hiperatividade ou não, elas lidam com a agitação das crianças, como falta de limites e regras que as crianças não conseguem seguir.

Com esses alunos a gente tenta trabalhar sempre os combinados no começo das aulas, coloco eles mais perto de mim pra tentar buscar atenção e a disciplina pra realizar as atividades (professora do Jardim I).

b) Professoras de 1º. a 3º. Ano

No caso das participantes do primeiro ano, como as crianças estão em processo de alfabetização, a proposta para a aprendizagem dessas crianças é colocá-las mais perto da professora, sentadas na frente para que possam ter mais acesso às informações colocadas no quadro, muitas vezes a auxiliar de sala de sala trabalha separadamente com essas crianças na realização das atividades, para que mesmo que a sua agitação tenha atrapalhado na aprendizagem do conteúdo, ela possa ter um reforço imediato. A participante do terceiro ano, trabalha com a ajuda dos próprios alunos, de modo que os alunos que aprendem com mais facilidade ajudem os alunos agitados, que conversa enquanto a professora explica o conteúdo, e até mesmo ajudar no cotidiano da criança. Ambas as participantes consideram que a aprendizagem desses alunos ocorre de forma diferente, tendo em vista que há um maior trabalho a ser desenvolvido para que o aluno tenha atenção na explicação, faça as atividades sem dispersar. Definem que não há relação entre agitação e hiperatividade, tendo em vista que as crianças hiperativas possuem um diagnóstico específico, pois há a dificuldade da aprendizagem que é causada por um déficit do Sistema Nervoso Central (SNC). Como

definido pelas participantes, a criança hiperativa é muito mais que agitada, pois a criança hiperativa é agitada sempre e a criança considerada simplesmente agitada o é somente em algumas situações.

Geralmente é assim, a gente precisa ter mais atenção com esse aluno, geralmente coloca mais próximo de mim, peço ajuda da auxiliar (professora 1º ano).

c) Professoras de 4º. a 5º. Ano

Nesse segmento as participantes percebem a aprendizagem desses alunos através das avaliações realizadas (testes e provas), pois, em sala de aula, muitas vezes mesmo que a criança não tenha a concentração para realizar a atividade, ela acaba copiando a resposta do quadro ou do colega. A aprendizagem dessa criança preocupa bastante as participantes tendo em vista que essas crianças irão para o fundamental 2 e precisam saber os pré requisitos necessários. Na maioria das vezes as crianças agitadas são as que possuem baixo rendimento e acabam ficando em recuperação no fim do ano, o que mostra que sua aprendizagem é dificuldade por causa do seu comportamento diário.

Lógico essa agitação faz com que eles não se concentram, eles não vão assimilar o conteúdo que esta sendo ministrado (professora 5º ano).

3.2.3 O trabalho pedagógico com alunos agitados (aluno agitado *versus* aluno com Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade)

a) Professoras da Educação Infantil

Na educação infantil as participantes trabalham muito com o lúdico da criança, primeiramente para chamar a atenção e despertar o interesse, consideram que dessa forma vão atender a necessidade de diferentes crianças, desde as crianças que possuem facilidade na aprendizagem e as crianças agitadas. Atividades que despertem a curiosidade das crianças, atividades fora da sala de aula, para que as crianças agitadas possam ter mais espaço e ter maior desejo em participar das atividades, utilizar diferentes matérias: massinha, tangram, legos e vídeos.

Trabalhar com a ludicidade, trabalhar com material concreto, fazendo rodinhas, tendo mais a participação deles com conversas (professora Jardim I).

b) Professoras de 1º. a 3º. Ano

As professoras do primeiro ano acabam seguindo algumas atividades da educação infantil, mas aprimoradas para a idade das crianças, que estão na alfabetização. Utilizam muito a caixa de areia para trabalhar as formas das letras com as crianças e a coordenação motora fina. Nesse momento é utilizado bastante os sentidos, principalmente o tato e a audição, pois as crianças aprendem os sons das letras, e praticam a escrita. As professoras entrevistadas utilizam práticas diversificadas, em alguns momentos colocam musica durante os momentos de atividades, promovem a participação das crianças durante a correção. Já a professora do 3º ano, trabalha com a autonomia das crianças em sala. Gosta de motivar seus alunos em todas as atividades que realizam durante o dia, trabalha com as crianças jogos, atividades de construção, e atividades em grupo, para que as crianças desenvolvam a coletividade.

Atividades que trabalhem a concentração delas como uma forma de estimular, um acompanhamento pedagógico, uma atividade extracurricular como o xadrez que trabalhar a disciplina, ou judô (professora 1º ano).

É trabalhar jogos, trabalhos em grupos, principalmente atividades de construção, aquilo que ele vai criar, porque geralmente a criança rejeita aquilo que já vem pronto (professora 3º ano).

c) Professoras de 4º e 5º anos

As professoras desse segmento se preocupam muito com a aprendizagem dos seus alunos, pois essa aprendizagem é convertida em nota ao final de cada bimestre. Como as aulas são rápidas e precisam ser aulas práticas, pois há muito conteúdo a ser ensinado para as crianças, as professoras buscam trabalhar atividades em grupo, há um trabalho avaliativo que é realizado em conjunto.

Como prática diária, as professoras buscam trazer os conteúdos ensinados para a realidade dos alunos, para o cotidiano em que estão inseridos. Antes de ensinarem um conteúdo promovem debates, que por esses alunos serem mais velhos, eles gostam de falar e ter uma fala crítica em relação ao assunto.

3.3 Significados sobre agitação

Após todas as entrevistas realizadas com as professoras e a construção do referencial teórico, é possível chegar a algumas conclusões sobre a relação entre aprendizagem e agitação. De modo geral todas as professoras colocaram em suas respostas que precisam trabalhar a disciplina em sala de aula, desde a educação infantil até o 5º ano, o que mostra que há uma dualidade em sala de aula entre agitação e indisciplina.

A primeira conclusão é que alunos agitados são totalmente diferentes de alunos com Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH). Diferentemente do aluno diagnosticado com TDAH, a agitação está ligada com a personalidade e com os padrões de comportamento de determinadas crianças. Alguns alunos, sem razão aparente, precisam estar em movimento. O que fazem eles serem considerados agitados é justamente isso: o fato de precisarem realizar mais de uma tarefa ao mesmo tempo, ou simplesmente, movimentar o seu corpo ao qual é exigido ficar sentado por longas horas. No contexto de uma sala de aula em que só se valorize o sentar-se e estar em silêncio, esse alunos terminam por interferir no ambiente desejável com a sua movimentação. Eles se tornam agitados diante dos olhos das professoras e de outros adultos que reforçam essa posição com comentários e reclamações referentes ao comportamento.

Outra conclusão é que alunos agitados não, necessariamente, têm baixo rendimento, como vimos em algumas falas das professoras. O baixo rendimento do aluno está ligado com o fato do não aprender. Mas, o que é aprender? Como é o processo de aprendizagem desses alunos? Interessantemente, de acordo com os resultados do questionário e da entrevista, as professoras não descreveram os mecanismos de aprendizagem dos seus alunos, talvez por estarem preocupadas demais com os conteúdos.

Outro dado importante é que a agitação diferente dos estudos realizados por Wallon não está diretamente ligada com crianças que possuem alguma síndrome. Pois ao estudar as crianças, Wallon utilizou como referencia sua vivência durante o período que cuidou dos feridos da segunda guerra. As crianças dos seus estudos todas apresentavam alguma deficiência em relação a sua formação cognitiva ou física, o que nos remete a seguinte frase: “acriança normal é encontrada na criança patológica.” O que evidencia que as crianças que são consideradas agitadas não possuem nenhuma deficiência que possamos relacionar com o seu comportamento.

Em relação às crianças da educação infantil a explicação da agitação esta relacionada com a formação do tônus muscular da criança. Que por estar em processo de formação, faz com que a criança ainda não tenha o total controle sobre seus movimentos e ações, e por isso acaba se movimentando mais, evidenciados principalmente em momentos impróprios.

Na educação infantil é preciso ter bastante atenção em relação a classificação que as professoras acabam fazendo do comportamento dos alunos, pois é preciso considerar diferentes fatores, como por exemplo o fato de que muitos alunos são o primeiro ano em que frequentam a escola, e que mesmo após o período considerado de adaptação muitos alunos continuam apresentando comportamentos impróprios ao ambiente (bagunça excessiva, desobediência). Outro ponto é que os alunos não podem ser avaliados por um diagnóstico, por estar em processo de desenvolvimento social e cognitivo, a não ser casos específicos que necessitam de um acompanhamento de um especialista.

O gráfico com os adjetivos usados para qualificar o comportamento dos alunos agitados também é variável, pois cada professora caracterizou seu aluno agitado que tem em sala e não se baseou em um específico. Nesse caso ao me referir que existe um padrão específico, no caso dos alunos agitados não existe uma tabela ou algo do tipo que possa evidenciar que determinadas ações que a criança tem a caracterize como uma criança agitada. O que acontece é que dependendo da situação em que a criança se encontra, seu comportamento poderá ser classificado pelo professor como uma criança agitada. Não existe padrão de comportamento, um parâmetro que caracterize o comportamento em si. O problema não é em si a agitação dos alunos, mas sim o que ela representa para a professora em relação ao que ela espera em termos de comportamento para que ela possa passar o conteúdo.

Pode se chamar atenção para a questão de que um aluno agitado não precisa ter baixo rendimento, o aluno ter baixo rendimento é significativo de que ele não conseguiu aprender tudo que precisava. Alunos agitados aprendem sim, o que é preciso da parte dos professores é ter mais atenção em relação a esses alunos, proporcionar um maior estímulo por conta da sua concentração, já que um aluno agitado como evidenciado nas respostas dos professores, busca estar em constante movimento.

Diferente do TDAH, não há um teste ou padrão para identificar um aluno agitado, esses alunos estão presentes em todos os ambientes escolares, não possuem nenhuma síndrome diagnosticada, o que é preciso entender é a necessidade que a escola e os professores tem de controlar o comportamento dos alunos.

As professoras precisam entender que ter o controle dos alunos, é muito mais do que a disciplina, é preciso que os alunos entendam a necessidade de ter o silêncio em momentos que a professora precisa passar o conteúdo.

É importante destacar também que a agitação presente nas salas das séries iniciais é diferente da agitação existente na educação infantil, pois a realidade dos alunos são diferentes, apesar de estarem submentidos ao mesmo contexto que é o ambiente escolar.

Sobre a parte pedagógica que deve ser trabalhada com esses alunos, ficou evidente diante das entrevistas que as professoras muitas vezes sentem-se perdidas em como trabalhar com esses alunos. E o meio mais utilizado para buscar uma maior atenção desses alunos é utilizar a ludicidade, no caso da educação infantil isso resolve porque são crianças, e dependendo do que seja, a criança prende a atenção por um momento.

No caso do ensino fundamental, as aulas são massantes, cansa os alunos, que ficam em média quatro horas sentados. Uma alternativa seria utilizar a agitação dos alunos a favor da sua aprendizagem e do conteúdo, atividades ao lar livre, e atividades que possam movimentar o corpo das crianças podem ajudar nesse processo, e até melhorar a qualidade da aula de formal geral.

Vygotsky dá muita importância a questão dos jogos, e no ensino fundamental é um bom momento para aprimorar os jogos ou até mesmo criar jogos, que atendam a necessidade dos alunos e juntar essas atividades com o conteúdo que precisa ser ensinado aos alunos.

Isso torna a aula mais agradável para todos, um aluno atua na construção da aprendizagem de outro aluno, a aprendizagem passa a ser uma construção coletiva dos alunos, e o professor um mediador. Dessa forma haverá uma aprendizagem significativa por parte das crianças, a agitação ou qualquer outra palavra relacionada ao comportamento dos alunos.

Além da disciplina, o conceito agitação veio para justificar o comportamento dos alunos em sala de aula, ou a falta de comportamento. A agitação não é ruim, e não torna um aluno mal educado, tendo em vista que a educação de valores é um processo sempre inacabado que deve ser ensinada em casa pelos pais, e continuada na escola. A indisciplina tem a ver com o não seguir as regras, a agitação está ligada ao movimento desordenado que algumas crianças tendem a ter em sala em momentos considerados fora do contexto para uma bagunça.

Após a realização da pesquisa é possível entender que os alunos agitados aprendem da mesma forma que os alunos que apresentam bom comportamento, os considerados “quietinhos” pelas professoras. O que acontece de diferente em sua aprendizagem é que esses

alunos precisam se esforçar mais para acompanharem o andamento das atividades, tendo em vista que sua movimentação excessiva atrapalha na realização das mesmas. Mas, o mais importante é destacar como as professoras da pesquisa buscam conciliar as atividades propostas para a realidade desses alunos, como citado acima em relação ao planejamento das aulas.

Alunos agitados fazem parte do contexto escolar, são alunos sem nenhuma dificuldade específica ou síndromes diagnosticadas, possuem bom rendimento na maioria das vezes, o que mais implica em seu comportamento é a sua movimentação excessiva e o tumulto que causam nas aulas por acabar movimentando outros alunos em momentos considerados impróprios aos olhos das professoras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a realização do presente estudo, buscou-se conhecer os significados de agitação por parte de professores da educação infantil e anos iniciais, e evidenciou-se que as práticas dos professores são carregadas de qualificações e caracterizações do comportamento dos alunos em relação à movimentação e dispersão destes nas atividades cujas expectativas é de certa medida quietude. Uma vez que a agitação ou agitado fazem parte frequente na qualificação de seus alunos, buscou-se compreender o significado dessa palavra no contexto escolar e a sua relação com a aprendizagem dos alunos.

Na perspectiva da literatura estudada, foi possível entender que muitos outros acontecimentos podem estar ligados com o que as professoras consideram agitação em seus alunos, como a formação do seu organismo, que o tônus está ligado ao desenvolvimento do corpo, do cognitivo e, principalmente, a expressão das emoções.

É importante ressaltar que as professoras da pesquisa estão considerando as especificidades dos seus alunos, e buscando formas de integrar atividades que propiciem uma participação e que canalizem a atenção dos mesmos de forma apropriada para o desenvolvimento deles.

Faz-se necessário considerar que novas formas práticas pedagógicas precisam ser levadas em consideração para o planejamento e realização das atividades que as professoras desejam realizar em sala com seus alunos. Os resultados permitem visualizar que, para algumas professoras, é difícil aceitar e entender ou mesmo querer saber a necessidade que alguns alunos têm de se movimentar. Outro aspecto importante, intrínseco ao desenvolvimento no período estudado, é a cerca das concepções de aprendizagem do grupo pesquisado. Parece haver uma lacuna na compreensão de que aprendizagem ocorre por meio de significações, e que as atividades precisam ter um sentido e um significado segundo Vygotsky.

De acordo com os dados de caracterização dos professores o baixo rendimento dos alunos nem sempre está ligado com a sua agitação ou qualquer outro comportamento que esses alunos venham a ter, o que se evidencia com os dados da pesquisa são que vários fatores em conjunto acarretam no baixo rendimento dos alunos. como a indisciplina e a agitação, juntos esses comportamentos podem prejudicar o rendimento dos alunos, a falta de acompanhamento dos pais da rotina do seu filho e das atividades que vão para casa, e

dificuldades de aprendizagem que podem vir acompanhadas por alguma síndrome.

Um aspecto importante a ser destacado no plano pedagógico é considerar a avaliação de forma mais ampla, como processo de conhecimento das possibilidades do aluno e do próprio trabalho docente. Pois, os resultados sugerem que muitas das professoras da pesquisa não sabem como seus alunos aprendem. Isso pode indicar que talvez parece haver uma distância entre a aprendizagem e a forma como ministram as aulas. É necessário que professores e escolas reavaliem suas perspectivas sobre o comportamento e aprendizagem dos alunos, e o trabalho que desejam desenvolver para que seus alunos possam aprender.

Para finalizar, realizar esta pesquisa resignificando a agitação em sala de aula mostrou que existem muito mais coisas que estão ligadas a formação dos alunos e da sua aprendizagem. E que, de fato, como citado anteriormente, não existe uma fórmula, nem laudos para se caracterizar um aluno agitado. Essa caracterização ocorre no contexto em que o aluno está inserido, é fruto da dinâmica relacional e envolve muitas dimensões do processo de ensino-aprendizagem. Agitação não é necessariamente o comportamento inadequado em sala de aula. A agitação pode informar demandas importantes tanto na parte do desenvolvimento social, emocional, cognitiva e psicomotora do aluno como também informar sobre demandas importantes na parte das práticas pedagógicas inadequadas. A princípio, a agitação faz parte do ambiente escolar e pode indicar alunos e atividades saudáveis, porém, quando passa a ser significada como problemática, todos os envolvidos devem fazer uma reflexão e avaliação sobre os caminhos e qualidade do processo de educação.

PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS

Após concluir o curso de Pedagogia, pretendo seguir a carreira docente, quero ministrar aulas tanto para a educação infantil quanto para o ensino fundamental. A curto prazo tenho alguns objetivos para poder continuar minha carreira docente, em primeiro lugar quero voltar para o curso de inglês, pois é algo que no futuro me ajudará no mestrado que pretendo cursar na Universidade de Brasília (UnB) e em um possível doutorado em parceria com alguma universidade fora do país.

Quero fazer pós-graduação na área de Educação Infantil e Orientação Educacional, e estudar para o concurso da Secretaria de Educação do Distrito Federal (SEDF). E, para concluir meu currículo profissional, que desejo quero fazer meu doutorado. Se tudo der certo, almejo me tornar uma docente na UnB.

Sei que para alcançar todos os meus sonhos e objetivos o caminho não será fácil e que precisarei de tempo para conseguir tudo aquilo que almejo, mas sei que ate aqui a educação me abriu muitas portas, e sei que continuará a abrir e me tornarei uma excelente profissional e serei muito feliz com minhas escolhas pessoais e profissionais.

PARTE 3

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AQUINO, Julio Groppa. A indisciplina e a escola atual. **Rev. Fac. Educ.**, São Paulo, v. 24, n. 2, jul./dez. 1998. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-25551998000200011>. Acesso em: 18 maio 2015.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PSICOMOTRICIDADE – ABP. 2015. Disponível em: <<http://psicomotricidade.com.br/>>. Acesso em: 18 maio. 2015.

BONOTO, Sandra Luiza Correia; ANSAI, Rosana Beatriz. Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade: um estudo da influencia deste fator na aprendizagem e na vida social. **Ensino e Pesquisa**, São Paulo, v. 1, n. 5, 2008. Disponível em: <<http://www.ieps.org.br/trans.pdf>>. Acesso em: 18 maio 2015.

CARRARA, Kester (Org.). **Introdução à Psicologia da Educação**: seis abordagens. São Paul: Avercamp, 2004.

CARVALHO, Elda Maria Rodrigues de. Tendências da educação psicomotora sob o enfoque Walloniano. **Psicol. Cienc. e Prof.**, v. 23, n. 3, p. 84-89, set. 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932003000300012&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 18 maio 2015.

COLLARES, Cecília Azevedo Lima; MOYSÉS, Maria Aparecida Affonso. Diagnóstico da medicalização do processo ensino-aprendizagem na 1ª serie do 1º grau no município de Campinas. **Em Aberto**, Brasília, a. 11, n. 53, p. 13-28, jan./mar. 1992. Disponível em: <<http://emaberto.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/viewFile/790/709>>. Acesso em: 19 maio 2010.

CUBERO, Rosário; LUQUE, Alfonso. Desenvolvimento, educação e educação escolar: a teoria sociocultural do desenvolvimento e da aprendizagem. In: COLL, César; MARCHESI, Álvaro; PALACIOS, Jesus et cols. **Desenvolvimento psicológico e educação**: Psicologia da Educação Escolar. Trad. de Fátima 2. ed. Murad. São Paulo: Artmed, 2004. v. 2. 472 p.

DÉFICIT de Atenção – TDAH: Diagnóstico e tratamento especializados no IPDA – Instituto Paulista de Déficit de Atenção. 2015. Disponível em: <<http://www.dda-deficitdeatencao.com.br/>>. Acesso em: 18 maio 2015.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. 4. ed. Curitiba: Ed. Positivo, 2009.

GALVÃO, Izabel. **Henri Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento humano infantil**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

GODOY, Arilda Schmidt. Uma revisão dos principais autores e obras que refletem esta metodologia de pesquisa em Ciências Sociais. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, mar./abr. 1995. Disponível em: <http://www.producao.ufrgs.br/arquivos/disciplinas/392_pesquisa_qualitativa_godoy.pdf>. Acesso em: 18 maio 2015.

GUEDES, Adrienne Ogêda. **A psicogênese da pessoa completa de Henry Wallon: desenvolvimento da comunicação humana nos seus primórdios**. 2007.

GUNTHER, Hartmut. Pesquisa qualitativa *versus* pesquisa quantitativa: esta é a questão? **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 22, n. 2, p. 201-210, maio/ago. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ptp/v22n2/a10v22n2>>. Acesso em: 18 maio 2015.

JOBIM, Ana Paula; ASSIS, Ana Eleonora Sebrão. **Psicomotricidade: histórico e conceito**. 2008. Disponível em: <<http://guaiba.ulbra.br/seminario/eventos/2008/artigos/edfis/358.pdf>>. Acesso em: 18 maio 2015.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RS: Vozes, 2010.

OLIVEIRA, Almir Almeida. Observação e entrevista em pesquisa qualitativa. **Revista FACEVV**, Vila Velha, n. 4, p. 22-27, jan./jun. 2010. Disponível em: <<http://www.facevv.edu.br/Revista/04/OBSERVA%C3%87%C3%83O%20E%20ENTREVISTA%20EM%20PESQUISA%20QUALITATIVA%20-%20almir%20almeida.pdf>>. Acesso em: 18 maio 2015.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. **Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio-histórico**. São Paulo: Scipione, 1993; 2008.

PARAIZO, Bárbara Rodrigues. **Trabalho pedagógico na Educação Infantil: aprendizagem e desenvolvimento**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, PR, 2010.

RIBEIRO, Dulce Helena Pontes; DOPP, Douglas Aparecido. Indisciplina em sala de aula: desafio para o professor, instituição e família. **Revista Transformar**, n. 6, p. 124-140, 2014. Disponível em: <<http://www.fsj.edu.br/transformar/index.php/transformar/article/view/18/17>>. Acesso em: 18 maio 2015.

SILVA, Heber Ricardo da; MANEÁ, Eliana Basso. A indisciplina na sala de aula. **Revista multidisciplinar da UNIESP – Saber Acadêmico**, n. 10, p. 186-189, dez. 2010. Disponível em: <<http://www.uniesp.edu.br/revista/revista10/pdf/sinteses/17.pdf>>. Acesso em: 18 maio 2015.

SISTO, Fernandes Firmino; BORUCHOVITCH, Evely; FINI, Lucila Diehl Tolaine (Orgs.). **Dificuldades de aprendizagem no contexto psicopedagógico**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

VASCONCELLOS, Vera Maria Ramos de. **Perspectiva co-construtivista na Psicologia na Educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

WALLON, Henri. **A criança turbulenta**: estudos sobre os retardamentos e as anomalias do desenvolvimento motor e mental. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

XAVIER, Agatha Almeida. **Que pena essa turma é muito agitada**: problematizando o fenômeno indisciplina e agitação em sala de aula. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Biológicas) – Instituto de Biociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

Bibliografia consultada:

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DO DÉFICIT DE ATENÇÃO – ABDA. Disponível em: <<http://www.tdah.org.br/>>. Acesso em: 18 maio 2015.

BRZOZOWSKI, Fabíola Stolf; CAPONI, Sandra Noemi Cucurullo de. Medicalização dos desvios de comportamento na infância: aspectos positivos e negativos. **Psicol. Cienc. Prof.**, Brasília, v. 33, n. 1, p. 208-221, 2013.

LA TAILLE, Yves de. **Piaget, Vygostsky, Wallon**: teorias psicogenéticas em discussão. São Paulo: Summus, 1992.

PINHEIRO, Sara Cristina Aranha de Souza. **Crianças com Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade (TDAH) no ambiente escolar**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2010.

ANEXOS

ANEXO “A” – Carta de Encaminhamento e Projeto da Pesquisa



Universidade de Brasília

Faculdade de Educação

Departamento de Teoria e Fundamentos

Área: Psicologia da Educação - Período: 01/2015

Projeto 5 – Trabalho de Conclusão de Curso

Título: Resignificando o conceito de agitação em sala de aula: um estudo transversal com professores de educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental

Andressa Slâmya da Silva Brito, matrícula UnB no. 11/0108736,

Orientadora: Prof^a. Sandra Ferraz de Castillo Dourado Freire

Brasília, 30 de março de 2015

Senhor(a) Diretor(a),

A aluna Andressa Slâmya da Silva Brito, matrícula UnB no. 11/0108736, é aluna do curso de Pedagogia da Universidade de Brasília e está atualmente na fase final de seu curso, momento da realização do trabalho monográfico de conclusão de curso, denominado no currículo do curso de “Projeto 5”, sob minha orientação, Prof. Dra. Sandra Ferraz de Castillo Dourado Freire.

O programa do Projeto 5 tem por objetivo proporcionar ao nosso aluno em formação oportunidade de desenvolver um olhar investigativo sobre os processos escolares como forma de enriquecer a sua experiência de formação tanto no magistério como em pesquisa.

Apresentamo-nos a esta instituição no intuito de avaliar junto à direção e equipe pedagógica a possibilidade de realizarmos os procedimentos empíricos que consistem no desenvolvimento de entrevista com a s professora da educação infantil e do ensino fundamental.

Desde já esclarecemos que o trabalho tem cunho investigativo focado no desenvolvimento dos processos subjetivos de uma forma positiva e construtiva, e que os procedimentos de pesquisa não oferecem nenhum risco ou prejuízo nem para a instituição nem para os sujeitos participantes. Coloque-me a disposição para quaisquer dúvidas pelo número 8494-5116 e por meio do endereço eletrônico sandra.ferraz@gmail.com.

Atenciosamente,

Sandra Ferraz de Castillo Dourado Freire

APÊNDICES

**APÊNDICE “A” – Informações Gerais de Participantes da Pesquisa –
Professor(a)**



Universidade de Brasília

Faculdade de Educação

Departamento de Teoria e Fundamentos

PESQUISA: Resignificando o conceito de agitação em sala de aula: um estudo transversal com professores de educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental

Andressa Brito

Orientadora: Sandra Ferraz

INFORMAÇÕES GERAIS DE PARTICIPANTES DA PESQUISA – PROFESSOR/A¹

Nome				
Endereço completo				
1. CEP	2. Cidade/Estado		Telefone	Celular
Sexo: 3. <input type="checkbox"/> M 4. <input type="checkbox"/> F	5. UF de nascimento	E-mail		
6. Data de Nascimento	7. Idade	8. <input type="checkbox"/> Casada/o 9. <input type="checkbox"/> Solteira/o	10. Filhos	11. Tempo de docência
Há quantos anos em Brasília? 12. _____ anos 13. <input type="checkbox"/> Sempre morei em Brasília		Há quanto tempo na escola pesquisada? 14. _____ anos como professora efetiva 15. _____ anos como professora temporária		Em que ano está lecionando atualmente? 16. ____ ano do EF; 17. ____ ano do EM; 18. ____ período da EI.
19. Formação (técnica e/ou superior): curso, instituição e ano de conclusão.				

¹ Prezado/a professor/a: O presente instrumento objetiva alimentar um banco de dados acerca das demandas pedagógicas e do perfil dos/as professores/as que participam das experiências de formação de alunos/as de Pedagogia sob minha orientação em estágio e em monografia. Apenas as informações das questões numeradas serão tabuladas e, posteriormente, utilizadas estatisticamente. Imensamente grata pela sua participação nesse importante processo de formação de nossos/as pedagogos/as. Prof. Sandra Ferraz. Contato: sandra.ferraz@gmail.com.

20. Principais características da aprendizagem do/a aluno/a do ano em que você está atuando (pelo menos 3 características).

21. Principais competências acadêmicas que o/a aluno/a do ano em que você está atuando precisa desenvolver.

22. Principais demandas/desafios da sua turma atual (disciplina/comportamento; aprendizagem; relações interpessoais).

Local/Data

Assinatura

APÊNDICE “B” – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Faculdade de Educação

Departamento de Teoria e Fundamentos

Pesquisa: Resignificando o conceito de agitação em sala de aula: um estudo transversal com professores de educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental

Estudante: Andressa Slâmya da Silva Brito

Orientadora: Sandra Ferraz

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pelo presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, declaro que fui informado(a) do objetivo geral da pesquisa sobre resignificando o conceito de agitação em sala de aula: um estudo transversal com professores de Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental realizada por **Andressa**², aluna do curso de Pedagogia da Universidade de Brasília, matrícula UnB n **110108736**, sob a orientação da Prof^a Dr^a Sandra Ferraz de Castillo Dourado Freire³.

O trabalho consiste em realizar entrevistas com docentes que atuam na educação infantil e fundamental.

As entrevistas com os participantes adultos serão individuais, preferencialmente, gravadas em áudio.

A participação do sujeito é totalmente voluntária e será garantido o sigilo do nome dele e de todos os participantes das entrevistas, como forma de preservar a identidade de cada um. Tenho ciência que poderei me retirar da pesquisa em qualquer momento.

Os benefícios recebidos serão em termos de produção de conhecimento, uma vez que possibilita refletir sobre os processos envolvidos no trabalho.

Local e data: _____

² Contato: 99470324

³ Prof^a Dr^a Sandra Ferraz – E-mail: sandra.ferraz@gmail.com.

APÊNDICE “C” – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Faculdade de Educação

Departamento de Teoria e Fundamentos

Pesquisa: Resignificando o conceito de agitação em sala de aula: um estudo transversal com professores de educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental

Estudante: Andressa Slâmya da Silva Brito

Orientadora: Sandra Ferraz

ROTEIRO DE ENTREVISTA COM PROFESSORAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL E FUNDAMENTAL

- 1- Como é a sua turma neste ano? Como são as crianças (comportamento e aprendizagem, relacionamentos)? Tem criança agitada neste ano?
 - 2- O que é um aluno agitado? Quais são as características desse tipo de comportamento? Como agem esses alunos? Me fala sobre um deles.
 - 3- Por que você acha que ele (a) é agitado?
 - 4- Como são as relações deles com os colegas?
 - 5- Como você se vê em relação a esses alunos?(emoções,anseios,desafios, etc.)
 - 6- Para você como é a aprendizagem desses alunos?
 - 7- Você tem que lidar com eles de forma diferente como lida com os outros (comportamento e aprendizagem)?
 - 8- O que você sugere como prática pedagógica para trabalhar com uma turma que tenha crianças agitadas?
 - 9- O que você definiria como agitação em sala de aula?
 - 10- Você considera que meninos tendem a ser mais agitados que meninas?
 - 11- Para você existe uma relação entre aluno agitado e aluno hiperativo?
- 12-Marque as opções que podem definir um aluno(a) agitado(a), numerando de acordo com a ordem de relevância para você:

- | | | |
|---|--|--|
| <input type="checkbox"/> calmo | <input type="checkbox"/> comunicativo | <input type="checkbox"/> nervoso |
| <input type="checkbox"/> impaciente | <input type="checkbox"/> falta de concentração | <input type="checkbox"/> inquieto |
| <input type="checkbox"/> desatento | <input type="checkbox"/> variação de humor | <input type="checkbox"/> agressividade |
| <input type="checkbox"/> baixo rendimento | | <input type="checkbox"/> instável |



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

**RESIGNIFICANDO O CONCEITO DE AGITAÇÃO
EM SALA DE AULA:**

Um estudo transversal com professores de Educação Infantil
e anos iniciais do Ensino Fundamental

ANDRESSA BRITO

**BRASÍLIA – DF
JUNHO DE 2015**